This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 866,598

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817

CANTOS AMAZONICOS

OBRAS DE PAULINO DE BRITO

PUBLICADAS EM LIVRO

O Homem das Serenatas (romance)	1 vol.
Noites em Claro (poesias).....	1 »
Contos (collecção)	1 »
Grammatica Primaria (obra escolar).....	1 »
Cantos Amazonicos (poesias).....	1 »

NO PRÉLO

Grammatica Complementar (obra escolar).....	1 vol.

BREVEMENTE

Romancetos (novos contos).....	1 vol.

PAULINO DE BRITO

DA ACADEMIA PARAENSE

Ao Ex.mo Snr. Doutor Alvim, D.mo Ministro Plenipotenciario da Republica dos E. Unidos do Brazil em Portugal, em testemunho de alto apreço e consideração off.e

Paulino de Brito

Lisboa, 28 de Dez.bro de 19

Cantos Amazonicos

POESIAS

PARÁ—BRAZIL

EDITORES—ALFREDO SILVA & COMP.—EDITORES

12, Praça Visconde Rio Branco

1900

869.8
B854ca

Tiraram-se d'esta edição 10 exemplares em papel especial, numerados e rubricados pelo autor.

IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DE ALFREDO SILVA & C.ª
12, Praça Visconde do Rio Branco

AO

ESTADO DO AMAZONAS

MEU BERÇO NATAL

Como tributo de amor e filial carinho,

O. D. C.

O autor.

Sobre a presente edição

Ha dez annos que se publicaram as NOITES EM CLARO, *poesias de Paulino de Brito; e d'aquella unica edição, que se exgotou rapidamente, restam raros exemplares, em mãos aváras de amigos e admiradores.*

A procura constante da obra, pelos que desejam travar conhecimento íntimo com as lettras amazonicas, suggerio-nos a idéa d'esta edição, á qual nos abalançamos logo que obtivemos a acquiescencia e cooperação do Autor.

Encontram-se n'este volume não sómente as producções que compõem as NOITES EM CLARO, *como tambem algumas contemporaneas que não haviam sido incluidas, e ainda outras, em grande numero, escriptas posteriormente. É, pois, uma collecção completa, quanto possivel.*

Dando-a á estampa, precedida de apreciações e noticias sobre Paulino de Brito, oriundas de escriptores amazonicos, ficamos convictos de ter prestado um bom serviço á nossa nascente e futurosa litteratura.

Pará — 1899.

OS EDITORES.

Apreciações e noticias

sobre

Paulino de Brito

(Excerptos)

Prefacio que acompanhou a edição das «Noites em claro»

Requer a bôa amizade que me prende a Paulino de Brito que eu volte mais uma vez a occupar-me d'esse notavel poeta, que é o maior orgulho da geração presente de litteratos amazonicos.

Parece que um fado, — para mim sobremodo lisongeiro, — exige que os nossos nomes andem continuamente unidos, n'essa incessante e ingloria peregrinação ousada pelos dominios das lettras.

Desvaneço-me de orgulho, pela honra que me advém d'essa apreciavel companhia, porque tenho a mais enraizada certeza de que por muitos serei invejado, quando este volume sair á luz da publicidade, e eu fôr visto a abrir-lhe o deslumbrante portico, possuido de todo o prazer que tal distincção póde causar em mim.

Este pállido prefacio vae aqui traçado ás pressas, com o desalinhavo peculiar ao meu pobre estylo, peorado pelas condições especiaes em que o escrevo: em vesperas de viagem, n'um chuvoso dia santo de fevereiro, após haver preparado numerosas tiras de papel para o meu querido Calvario, para a minha amada Cruz, para o delicioso Abysmo a que consagrei a minha existencia: o jornal de que sou humilde redactor.

Ainda assim, de um facto posso gabar-me com desvanecimento: inspirações para trabalhar com prazer e enthusiasmo não me faltam, — graças a todas essas lindissimas producções poéticas, tão bem sentidas e traçadas, que o leitor encontrará na contextura d'este bello volume.

É o que me vale.

Este novo anno de 1888 parece-me destinado a dar fórma e vida a muitas composições litterarias em a Amazonia.

Ainda mal saimos de janeiro, e já vimos, *N'uma pétala de rosa*, a brilhante estréa d'um poeta de fino sentimento. As *Noites em claro* levantam-se agora, attestando que nem só nos botequins e nos bordeis se passam as horas consagradas ao somno. Além d'isso Frederico Rhossard, o meu esperançoso companheiro, promette-me a sua collecção de versos; João de Deus do Rego falla-nos em trazer-nos as suas *Bromelias*, as mais bonitas vegetações do seu jardim poético; José Verisimo trabalha em um livro destinado á infancia; Pontes de Carvalho quer mostrar ao publico os seus *Contos;* Antonio de Carvalho coordena os seus *Contos decotados*, esse genuino producto do seu galhofeiro espirito de mancebo descuidoso e bonachão...

Mas convém que eu seja discreto, deixando de revelar surprezas admiraveis, guardadas para o publico da minha provincia.

É bastante que eu as saiba todas, e tire d'esse *fervet opus* litterario a animação de que necessito para levar ao seu termo o compromisso contrahido por um dever de espirito amigo do trabalho.

A apparição das *Noites em claro* é um facto digno de nota em nosso acanhado meio litterario. É observação geral que os poetas vão desapparecendo n'este paiz á medida que o numero dos bachareis e empregados publicos augmenta.

Segundo Renouvier e a escola criticista, a imaginação poética está, em nossa época, em um estado de inferioridade, porque toma-se e tomam-n'a «demasiado *ao sério*»; ella não se atreve a extender-se livremente, com medo da razão; é mistér, ao contrario, que se mova em plena liberdade, e «abandone toda a pretenção directa sobre a verdade e sobre o util». Só então a poesia e a arte em geral «chegarão á sua completa libertação». (*Critica philosophica*, 4.° anno, I, 304).

Discordo inteiramente d'este modo de pensar, escudado nas producções do poeta cujo livro prefacio. Paulino de Brito, em seus versos, não abandona um só instante o cuidado da verdade e do util; parece-me até que para elles trabalha exclusivamente, ou pelo menos, com particular predilecção; todavia, não deixa de extender-se livremente para todos os pontos que lhe apraz, nem a sua imaginação poética desce ás fraquezas coerciveis dos impotentes platonicos da arte.

O meu poeta está crente possuir a verdadeira intuição da poesia. Abraçou-a depois de longa reflexão e está inabalavelmente convicto de que, segundo a escola de Schopenhauer, a arte é como uma especie de jogo superior, creado para consolar-nos alguns instantes das miserias da existencia e para preparar uma libertação mais completa pela moral.

Desnecessario reputo externar mais uma vez as minhas idéas sobre o assumpto. Ellas são sobejamente conhecidas por quem me lê.

Dotado de extraordinaria malleabilidade, o genio poético do meu prezado amigo tem passado de inspiração em inspiração, transitando impávidamente pelos mais escabrosos assumptos, de todos saindo sem apuro, com a admiravel facilidade dos espiritos superiores.

Paulino de Brito é o poeta dos escravos, da honra, da moral, dos innocentes, das creancinhas, das almas que soffrem e, acima de tudo, é o poeta do amor.

Para elle, para a sua constituição repetidas vezes atacada de vibráteis nevroses, o amor é um sentimento objectivo, sereno e fluctuante, doce, carinhoso, embriagador, gerando santissimas volupias e deliciosas sensações honestas e purissimas. Quer o amor tranquillo idéalista, que transforma o sêr amado em idolo inviolavel: odeia as máculas da materia.

Mas, digam-me: o amor, ainda mesmo sob a fórma do desejo, não é um elemento que, mais ou menos velado, representou sempre um grande papel na poesia? «Entra tambem como elemento essencial no prazer que nos causam as bellas fórmas ou as bellas côres da estatuaria ou da pintura, os suaves sons, acariciadores ou apaixonados da musica. O typo da emoção esthética é a emoção do amor, sempre mesclada d'um desejo mais ou menos vago e delicado. A belleza superior, diga Kant o contrario, é a belleza feminina; ora, as qualidades que na mulher achamos mais dignas de admiração, em grande parte são tambem as que são de nossa parte o objecto do desejo. Uma *bella* mulher, para um homem do povo, é uma mulher grande, vigorosa, burgueza, de bôas côres, de fórmas amplas, e é tambem a que melhor póde satisfazer o instincto sexual. Se, nas classes elevadas da sociedade, a idéa do bello não mais se corresponde exactamente com as primitivas necessidades da raça e do individuo, é que essas proprias necessidades foram-se a pouco e pouco modificando e apurando de um modo geral. Aos nossos olhos, a mais bella mulher é sempre a que melhor corresponde ás aspirações do nosso sêr individual, aos sentimentos e ás ten-

dencias que nos são communs com a nossa época. Ha muito tempo que alguem disse: amar, é ter o vago sentimento d'aquillo de que se tem necessidade para se completar a si proprio, physica e moralmente. Ora o amor, me parece, está mais ou menos presente no fundo das principaes emoções esthéticas. A propria admiração não é um amor que começa e não tem no amor o seu termo e a sua plenitude? Dir-se-á que amar uma mulher é deixar de achal-a bella? Certamente a arte é, em notavel parte, uma transformação do amor, isto é, d'uma das mais fundamentaes necessidades do sêr. Considerar, portanto, o sentimento esthético independentemente do instincto sexual e da sua evolução, é tão superficial como considerar o sentimento moral em separado dos instinctos sympathicos, em que a propria escola ingleza de Spencer vê a primeira origem da moral.

Ainda n'este assumpto me sinto em antagonismo com as opiniões de Paulino de Brito e abraço plenamente as idéas de Guyau.

Possuindo inveterado conhecimento do coração humano, Paulino de Brito sabe emocionar a alma do leitor, despertar n'elle esse enthusiastico arroubo do convencimento que tambem produzem as poesias de Ramon Campoamor. Não raro propende para a melancolia, desferindo da lyra sentidos sons da mais pungente saudade.

Os seus versos perdurarão longamente no seio do povo amazonico. A sua musa é verdadeira, é humana, e d'ahi póde tirar o melhor motivo para o mais justo orgulho, como ha de tirar toda a força da sua illimitada vitalidade na alma popular. Só morre o que é ficticio. O exemplo do asserto, encontral-o-emos a cada passo na historia das nações. Balzac, Flaubert, os Goncourts, Daudet e Zola só viverão por longo tempo, dominando no pincaro da litteratura moderna, porque foram humanos e souberam descrever-nos a humanidade exactamente como ella é. Deixemos que Taine os trate de «visionarios desregrados».

D'esta esperança tiro o meu desvanecimento em prefaciar este livro: elle é humano. Tem estro, tem bellezas de idéa e de fórma, encerra a historia inteira d'uma grande alma de poeta.

Apraza aos céus que os vindouros poetas amazonicos sejam dignos rivaes do meu mais querido amigo. Só assim poderei mais tarde, de hoje a muitos annos, curvado pela velhice, absorto na pacifica e saudosa nostalgia do meu inolvidavel passado, erguer as mãos ao firmamento, e dizer com Strauss, que a poesia constituirá, com a musica, a religião do futuro.

Belém do Pará, 2 de Fevereiro de 1888.

MARQUES DE CARVALHO.

A Paulino de Brito

...Considero Paulino de Brito poeta, na rigorosa accepção da palavra, e um dos mais vigorosos talentos da nova geração no nosso paiz; acreditando, sem receio de exagerar, que, se este moço continuar a cultivar a brilhante intelligencia de que é dotado, tornar-se-á necessariamente, pelo menos, um dos mais proeminentes vultos da litteratura brazileira, onde já occupa lugar invejavel.

1885.

JULIO CESAR.

Eu, que sou d'entre a turba, a turba delirante,
Cheia de crença e fé, que hoje te rodeia
O ultimo talvez!... a nota discordante,
O hospede na patria!... o reprobo da ideia!

Agitado tambem pela febril corrente,
Que, em largas convulsões, festivas, triumphaes,
N'este dia avassala o coração e a mente
E vem te offerecer seus preitos immortaes,

Eu ouso apparecer! E tristemente grave,
Venho olhar para o sol que vejo além subir...
Dos Andes de sua gloria — a magestosa ave —
Ás *montanhas azues* das terras do porvir!

E busco então achar na mente e sob o peito
Um grito, um som qualquer, um pensamento informe,
Para ser minha prece, e o meu sincero preito
Ao teu futuro, amigo! e ao teu talento enorme!

1885.

MUCIO JAVROT.

...Paulino de Brito, é o moço de intelligencia mascula, o romancista, o poeta, o artista que tem a felicidade de fazer-se rodear das esperanças do futuro com a mesma facilidade com que congrega as sympathias publicas.

1885. I. M [1]

Marques de Carvalho, fazendo um estudo biographico de Paulino, chamou-lhe — o chefe da litteratura amazonica.

Não somos do numero d'aquelles que, por amor á Provincia, chegam a attribuir-lhe coisas que ella não tem; mas é incontestavel quanto a nós que, se a Amazonia já possue realmente uma litteratura, Paulino de Brito é dos mais competentes para assumir a chefia que os seus confrades lhe queiram conferir.

1889. E. M. [2]

Gœthe diz: «A alma forma-se na solidão — porém o caracter, no mar tempestuoso da vida».

Tu, joven, que corajosamente te vaes lançar nos vae-vens d'esse mar traiçoeiro, toma por guia a — *Lealdade* — e no porto abrigado para onde te acena a esperança, te sorrirá a felicidade.

1885. A. M. [3]

O numero de seus folhetins, contos, discursos e poesias que andam por ahi esparsos, alguns assignados com pseudonymos, é consideravel. Paulino de Brito é talvez, apesar da sua pouca edade, o escriptor mais fecundo da Amazonia.

Seu talento brilha em toda parte com o fulgor de um astro radiante.

1885.

ATALIBA SOARES DE LIMA.

1 Ignacio Moura.
2 Enéas Martins.
3 D. Anesia Mamoré.

Saudemos esse alvorecer de gloria!

1885. A. F.

O caminho da gloria é juncado de espinhos. Felizes os que, mesmo com a tunica esphacelada e os pés a sangrarem, pódem chegar ao termo d'essa peregrinação sublime.

1885. F. DE MELLO SOARES.

Posso saudar em vós um inspirado poeta e um grande coração.

1885.

A.

Aninham-se as aguias nas cumiadas das montanhas altas. O coração da mocidade é o ninho do talento — a aguia gigantesca do espirito!

1885.

J. M.

Sublimar gigantes do tope de Paulino de Brito só é dado aos Aristoteles; festejar genios tão alevantados como o do emerito chefe litterario da Amazonia, não é permittido a obscuros como nós.

Está, pois, no limite das nossas forças abraçar affectuosamente o estremecido amigo, e protestar ao querido mestre, altissimo respeito e veneração ardentissima.

1890. ALFREDO SOUSA.

Eu admiro a sua intelligencia, louvo o seu patriotismo, aprecio deveras a modestia que tanto faz realçar o seu merito.

1890.

R. BERTHOLDO NUNES.

Se me fosse dado escolher entre os dotes que ornamentam o caracter do Dr. Paulino de Brito, confesso, não sei qual eu invejaria com mais paixão, se a firme lealdade do seu coração, se o brilho do seu talento creador...

É considerado em o nosso meio litterario como a perola dos talentos.

1890.

VERISSIMO DO COUTO.

...Energico e grande de espirito como de talento...

1890.

FREDERICO COSTA.

...Uma das estrellas de primeira grandeza, que fulguram no céo das lettras amazonicas.

1890. M. E. FERREIRA.

Hoje que todos os seus admiradores e amigos prestam devida homenagem ás suas virtudes e saber, não devo, de maneira alguma, deixar de acompanhal-os.

1890. JOSÉ BARBOSA RODRIGUES.

Paulino conquistou dia a dia, na bella convivencia de estudantes, toda a minha admiração, o meu apreço todo.

Funda-se esta sympathia no caracter limpo e immaculado, na alma severa e pura do meu antigo companheiro de cantos e de lutas.

1890.

ESTEPHANIO BARROSO.

Não ha aqui no Pará quem desconheça a laboriosa vida do autor das *Noites em claro*. Quem recusará vêr em Paulino de Brito a perseverança, a constancia, a vontade, o poder da intelligencia?

1890.

M. SILVA.

Abraçado ás grandes idéas, te vimos na tribuna popular, na imprensa, ao lado d'aquelles que se definem e que não mercadejam a dignidade, a honra, o dever, a consciencia e a justiça, conquistando sempre, pela admiração do teu talento vertiginoso, as glorias de um orador profundo, consciente e amigo da verdade...

Tu farás o orgulho de uma época.

1885.

J. O. PEREIRA DE MELLO.

O que eu mais admiro em ti não é o teu esplendido talento — é a coragem, a tenacidade, o heroismo com que affrontas e vences todas as difficuldades que se oppõem á realisação dos teus desejos.

Com estes elementos com certeza virás a ser grande.

E a historia registrará mais um grande homem erguido do nada pelo seu proprio esforço e pela sua propria intelligencia.

1885.

* * * *

Excelsior!

Sóbe o condor, do abysmo ás eminencias,
Para buscar a luz n'um céo mais puro:
Tu te abysmas no arcano das sciencias
Em procura da luz do teu futuro.

1885.

MAGALHÃES CASTRO.

O povo deve lêr o livro de Paulino de Brito. Por alguns poucos versos descuidados, tantas bellezas a apreciar!

1888. T. F. [1]

Saudemos a VIOLETA encantadora, que derrama tantos perfumes na modestia dos seus sentimentos, e entrelacemos na sua corôa de poeta a SEMPRE-VIVA chamma da nossa amizade sincera.

1890.

JOSÉ AGOSTINHO.

As vossas obras, que a sociedade brazileira bem conhece, são o attestado da robustez do vosso talento, que dia para dia mais se opulenta de raras preciosidades.

1890. A. C. FERNANDES BELLO.

A modestia, singular ornamento dos homens que pensam, é o mais brilhante apanagio que fulgura entre as bellas qualidades que conseguiram engrandecer o homem, salientar o poeta e definir o escriptor...

Extraordinario personagem que surgio no scenario paraense!

1890.

RAYMUNDO RIBEIRO.

Deu-te o amoroso Deus, o Deus que adoras,
Grande e bondosa a immorredoura essencia;
De crystal, pura deu-te a consciencia
Que por virtudes vae contando as horas:

1 Conselheiro Tito Franco.

Deu-te os sonhos sublimes com que enfloras
A dura senda ignota da existencia;
Deu-te o claro phanal da intelligencia,
Da lyra as cordas, — ternas e sonoras.

Tambem deu-te esse balsamo precioso,
Occulto ao impio conhecido ao crente,
Que d'alma os golpes cura na oração;

Mas dos dotes que houveste o mais valioso
É, Paulino, essa perola fulgente,
— A perola que tens — o coração! —

1890.

ANTONIO DE CARVALHO

Um titulo unicamente reveste o homem das qualidades para ser admirado; esse titulo não se dá, não se vende, não se empresta, não se compra, — é a intelligencia.

Tu, Paulino, o possues, motivo por que és altivo e admirado!

1885.

H. F. [1]

Valente lutador, intemerato athleta,
É tempo de marchar, é tempo de seguir!
Accenam-te a sorrir as laureas do poeta,
Aclara o sol da Gloria o céo do teu porvir!

Quem póde te sustar os passos triumphantes?
Deus só!... Porém é Deus que impõe a perfeição.
Não vês aquella arena? É a arena dos gigantes!
Não vês aquella luz? É a luz da redempção!...

1 Honorato Fernandes.

Eu que sempre te fui amigo e companheiro,
Que mantenho comtigo os mais fraternos laços,
Se não podér seguir-te, ousado forasteiro,
Hei de beijar na liça o rastro dos teus passos.

E quando fôres já bem longe de meus olhos,
Se escutares acaso um grito, lá, distante,
Não pares! Serei eu no meio dos abrolhos...
Sim! Será minha voz a te bradar — avante!

1885.

MAGALHÃES CASTRO.

Poeta! Espalha o teu olhar em torno!
Repara nos semblantes jubilosos
dos moços que contentes, pressurosos,
de flôres veem sorrindo coroar-te.
Abraza-lhes o peito um fogo férvido!
Exultam no estuar febricitante
do alegre pensamento rutilante:
que devem prosternados laurear-te!

São os nautas dos mares do trabalho;
ao partir p'ra as cruzadas do futuro,
elegem-te seu sábio Palinuro
nas viagens do estudo sacrosanto.
Elles sabem honrar o genio indomito,
que scintilla em teu estro refulgente,
conquistando da turba um brado ardente
rico de amor, esplendido de encanto!...

Caminha! Enceta o longo itinerario
das jornadas heroicas do estudar!...
E quando regressares ao teu lar
escudado da gloria no trophéu,

recorda-te saudoso d'esta noite
em que um povo immortal, feliz e grande
fez justiça a esse athleta que se espande
nas fibras geniaes do craneo teu!...

1885.

SERVULO JUAÇABA.

.....

Logo ás primeiras palavras sympathisei com elle. Atraz d'aquelle torax franzino, eu sentia palpitar um coração de artista, uma alma de sonhador, de poeta meigo, um conjunto de sentimentos nobres exhalando virtude, capazes de enlaçar o bello, o sublime da inspiração, com todo o seu séquito de phantasias caprichosas! Por traz d'aquelles olhos azues, claros, expressivos, escudados pelos vidros de uns oculos despretenciosos, eu adivinhava,— quasi que palpava,— uma cerebração robusta, viril, creadora, um intellecto perfeito, lucido, scintillante, fadado para a concepção das idéas arrojadas e grandemente formosas! E em todo aquelle sêr sympathico, agradavel, transluzia o immaculavel perfil da sua modestia, não essa modestia affectada e ridicula, que mendiga elogios, porém a impassivel modestia austéra de quem tem sciencia do que é e do que vale!

.....

Paulino de Brito é, entre nós, um dos representantes da *poesia loira* de Alfredo de Vigny e de Bulhão Pato,— a mystica poesia do ideal, que alimenta-se de um sorriso, de uma flôr, dos bellos cambiantes da luz crepuscular, quando o espirito propende para as meditações gratas e langorosas...

Sem ter o scepticismo estoico de Alfredo de Musset ou de Alvares de Azevedo, a sua musa possue a delicadeza sentimental de ambos, a arrojada concepção d'este e o bello rendado de frase d'aquelle.

A poesia de Paulino de Brito não é essa que « desapparece como inspiração e continúa apenas como arte; que disfarça a pobreza de conceitos com a riqueza da forma e dos ornatos. » [1] É a poesia que busca alento no estado emocional da alma e se revela em versos naturalissimos, d'uma belleza potente, d'uma forte inspiração indómita, amazonica.

1 Latino Coelho, prefacio das *Scenas Contemporaneas*, de Claudio José Nunes.

A sua linguagem não procura na imagem um meio de illudir-se com a falta d'ella, mas deslumbra-se com ella, sem lhe sacrificar a naturalidade.

Uma das feições caracteristicas do seu estylo é o cunho de melancolia singela, meiga, que lhe nóto nas poesias,—uma melancolia sentidissima, egual á que devêra ter inspirado os *Niebelungen* na Germania, ou os ternos queixumes de Ossian, sobre os escabrosos alcantis da Caledonia, á hora das brumas vespertinas.

Ao ler-lhe as poesias, sentimos tudo isto, vemos-lhe a feição principal do sentimentalismo exhibindo nótas de harmonias arrebatadoras! Ouvimos palpitar-lhe a alma, inundada das rutilações da poesia indiana, pujantes de encantos, riquissimas de belleza e originalidade.

.....

Nobre caracter!—exclamou um dia um amigo de Paulino, admirando-lhe uma acção honradissima.

—Nobre litterato!—direi hoje, ao terminar este pequeno estudo.

Sim, nobre litterato! Nobre, porque não traça com a immaculavel penna as negras adulações indignas, do elogio immerecido; porque inspira-se no bello; porque despreza a ridicula macaqueiação dos criticos inconscientes e segue sempre direito ao seu destino, impassivel, sorrindo, com o seu olhar claro e como luminoso de myope a sondar os arcanos da emoção poetica; nobre, em summa, porque é um trabalhador honesto e dedicado das letras paraenses!

1887. MARQUES DE CARVALHO

(Galeria de Poetas)

Vi desfilar, como um cortejo immenso
pelo sendal da Luz,
—estrellas da Manhã que o bello Sol intenso
vê limpidas brilhando
e em torno a si girando
por uma lei fatal que rege e que seduz:—
toda a pleiade audaz das lutas do Porvir,
da Sciencia contra o Erro, do amor ao progredir.
—Eu vi todo esse *aplomb*, austéro e magestoso
com que te foi saudar a Mocidade e a Gloria;
e disse para mim:—Não poder eu, medroso,

o rastro de Luz seguir dos que vão para a Historia
o seu nome inscrever na gigante Epopéa
da lisa e branca pedra, ao Sol da Nova Idéa!
E deixei-os passar! E aqui me tens agora...
Trago-te uma Grinalda feita de Primaveras,
com gazes de Arrebol e purpuras de Aurora.
O laço é de um tecido que prende como as heras
e é forte como amor, e chama-se — AMISADE...

Leva-a, pois, comtigo, e deixa-me a — SAUDADE.

1885.

JOAQUIM SARMANHO.

Tua fronte, Poeta! onde fulgura
A luz da mais sublime inspiração,
Ostenta a placidez serena e pura
Das estrellas que brilham na amplidão.

A tua mente soberana, onde arde
Viva scentelha de immortal clarão,
É como o mar tranquillo, quando á tarde
Brinca a onda ao sabor da viração...

É lago onde fluctua mansamente
Como batel em limpida corrente,
O lirio virginal da poesia!...

Poeta, como tu, — ah! quem me déra
Ter na mente uma eterna primavera,
Ter no peito um thesouro de harmonia!

1896.

PAULINA VALETTE.

Perdôa a minha ousadia
De no teu nome tocar:
Os segredos da poesia
Não me quiz Deus revelar;
Não tive o dom excellente
Do aureo verso refulgente:
Tenho um coração sómente
Que sabe sentir e amar.

Ao lêr teus versos formosos,
Tão dôces, tão bem sentidos,
Como favos saborosos
De magos vergeis colhidos,
Ao ouvir teus bellos cantos
Cheios de mimos e encantos,
Nos olhos meus, sinto prantos
De puro prazer vertidos.

Revive na tua penna,
Aprimorada e louçã,
O estro de Santa Helena,
Alma gêmea e gloria irmã.
Poeta! o céo te proteja!
Que o teu genio sempre seja
Como a rosa que viceja,
Como a estrella da manhã!

1893.

EMILIA G. G. DE SOUSA.

Banquete litterario

No dia 28 do corrente, no Atheneu Amazonense, realisou-se o banquete offerecido ao dr. Paulino de Brito, pela classe estudantal do nosso Estado.

Ao *dessert* o sr. Celso de Menezes, em nome de seus collegas estudantes, levantou-se e brindando ao dr. Paulino de Brito, como um amazonense extraordinario pelas varias manifestações do seu talento e pela inteireza de seu bellissimo caracter, fel-o tambem como ao poeta e litterato amazonico que, á força de ser lyrico e sublime, tem sabido imprimir seu perfil litterario em todos os meios em que se tem exibido.

Em seguida o illustre clinico dr. Julio Mario do Serra Freire, brindou em nome da redacção do *Jornal do Amazonas* ao dr. Paulino de Brito, tendo concluido seu discurso recitando uma bellissima poesia que veio provar mais uma vez que o coração d'aquelle grande medico é tambem o coração d'um grande poeta.

Trocaram-se ainda muitos brindes, entre os quaes mencionaremos os seguintes:

Do dr. Jonathas Pedroza, ao dr. Paulino de Brito; do sr. tenente Almeida Bessa, em nome da redacção do *Seculo*, ao dr. Paulino de Brito, como o poeta das avalanches; do illustre normalista Pedro de Barros, ao illustre festejado; do talentoso José Arthur Pinto Ribeiro Filho, ao dr. Paulino de Brito; do illustre pharmaceutico Manoel Ramos, em nome de todos os amazonenses cujos sentimentos n'aquella occasião gostosamente interpretava, ao dr. Paulino de Brito; do sr. Celso de Menezes, ao dr. Paulino de Brito, em nome do *Commercio do Amazonas*.

Em seguida foram recitadas e lidas diversas composições litterarias pelos srs. dr. Julio Mario, Julio Mario Filho e Celso Menezes.

Não podemos vencer o desejo de dizer que o dr. Paulino de Brito, n'um verdadeiro rasgo de poeta, produziu de improviso uma poesia que encheu-nos de verdadeira emoção e enthusiasmo.

Ao terminar, o illustre festejado n'uma vista restrospectiva sobre as condições da vida politica da nação, disse que dirigia o brinde de honra á unidade e á prosperidade da nação brasileira.

Terminado o banquete, ao qual não foi possivel comparecer o dr. Aprigio Martins de Menezes, — um dos admiradores sinceros do dr. Paulino de Brito, pelo justissimo motivo de ter n'aquelle dia fallecido o dr. Araujo Lima, concunhado do nosso redactor-chefe, o dr. Paulino de Brito mostrou desejos de ir á residencia do dr. Aprigio cumprimental-o.

.....

De passagem pela pharmacia Ramos, este distincto cavalheiro convidou os circumstantes a entrar, e ahi os obsequiou com um copo d'agua, durante o qual foram trocados muitos brindes, em que foram saudados o dr. Aprigio na pessoa de seu filho Celso Menezes, o dr. Paulino de Brito, o dr. Julio Mario, o commendador Amorim, o pharmaceutico Ramos, etc.

Ahi ainda o sr. dr. Julio Mario improvisou uns versos em obsequio ao sr. dr. Paulino de Brito, e este respondeu com outros que tambem improvisou, saudando o dr. Julio Mario e pharmaceutico Ramos, como homens da sciencia, alli n'aquelle theatro das suas victorias, n'aquelle campo de batalha em que soem travar quotidianos combates contra a morte e as dôres que affligem a humanidade.

Em seguida, a commissão dos estudantes e mais algumas pessoas que os quizeram acompanhar foram em carros levar o dr. Paulino de Brito á sua residencia, levantando durante o trajecto enthusiasticos vivas.

(Do *Commercio do Amazonas* de 31 de Dezembro de 1888).

Cantos Amazonicos

Rio Negro [1]

NA terra em que eu nasci, deslisa um rio
ingente, caudaloso,
porém triste e sombrio;
como noite sem astros, tenebroso;
qual negra serpe, somnolento e frio.
Parece um mar de tinta, escuro e feio:
nunca um raio de sol, victorioso
penetrou-lhe no seio;
no seio, em cuja profundeza enorme
coberta de negror,
habitam monstros legendarios, dorme
toda a legião fantastica do horror!

Mas, d'um e d'outro lado,
nas margens, como o quadro é differente!
Sob o docel d'aquelle céo ridente
dos climas do equador,

[1] Affluente do Amazonas. Banha a cidade de Manáos, onde nasceu o autor.

ha tanta vida, tanta,
ó céos! e ha tanto amor!
Desde que no horizonte o sol é nado
até que expira o dia,
é toda a voz da natureza um brado
immenso de alegria;
e vôa aquelle sussurrar de festas,
vibrante de ventura,
desde o seio profundo das florestas
até as praias que cégam de brancura!

Mas o rio lethal,
como estagnado e morto,
arrasta entre o pomposo festival
lentamente, o seu manto perennal
de luto e desconforto!
Passa — e como que a morte tem no seio!
Passa — tão triste e escuro, que dissereis,
vendo-o, que elle das lagrymas estereis
de Satanaz proveio;
ou que ficou, do primitivo dia,
quando ao — *faça-se!* — a luz raiou no espaço,
esquecido, da terra no regaço,
um farrapo do cháos que se extinguia!

Para acordal-o, a onça dá rugidos
que os bosques ouvem de terror transidos!

Para alegral-o, o passaro levanta
voz com que a propria penha se quebranta!

Das flôres o thuribulo suspenso
manda-lhe effluvios de perenne incenso!

Mas debalde rugís, brutos ferozes!
Mas debalde cantais, formosas aves!
Mas debalde incensais, mimosas flores!
Nem canticos suaves,
nem magicos olores,
nem temerosas vozes
o alegrarão jamais!... Para a tristeza
atroz, profunda, immensa, que o devora,
nem todo o rir que alegra a natureza!
nem toda a luz com que se enfeita a aurora!

Ó meu rio natal!
Quanto, oh! quanto eu pareço-me comtigo!
eu, que no fundo do meu ser abrigo
uma noite escurissima e fatal!
Como tu, sob um céo puro e risonho,
entre o riso, o prazer, o goso e a calma,
passo entregue aos fantasmas do meu sonho,
e ás trévas de minh'alma!

Recife — 1889.

A Abertura do Amazonas [1]

O gigante das correntes,
o soberano dos rios,
que Deus creou como um freio
do Atlantico aos desvarios,
outr'ora, certa divisa,
certa terrivel balisa
do seu dominio ao passar,
como cem tigres feridos,
com temerosos rugidos
soía a selva abalar.

Depois, crispado, revolto,
no seu caminho fatal
seguia como agitado
de um pensamento infernal:
muito além da atroz barreira,

[1] Premiada e classificada em 1.º logar no certamen poetico, que, sobre este thema, se realisou por occasião da Exposição Benjamin Constant (1895 — Pará).

a vaga na ribanceira
bramia em longo fragor;
e os monstros que dormitavam,
nos seus antros despertavam
cheios de espanto e pavor!

Muito embora a natureza,
a este novo rei Saul,
mostrasse as mattas floridas
e o céo a arquear-se azul,
oh! nada, nada podia
a funda mágoa sombria
do gigante consolar;
que em freneticos arrancos,
de encontro aos altos barrancos,
precipitava-se ao mar!

Como um temerario athleta,
em terrivel expansão
de furor, pisa raivoso
sobre a juba de um leão,
tal o Amazonas delira,
tal contra os mares se atira
em frente da larga foz!
E o velho leão do Oceano,
murcho o senho soberano,
se encolhe e rosna feroz . . .

Desde a génese da terra,
toparam-se os dois rivaes

em luta de desespero,
mas com forças deseguaes:
ruge a equorea magestade,
convolve-se a immensidade
no tremendo desafio...
mas, ao fim da luta crua,
é sempre o mar quem recua,
vencedor é sempre o rio!

Succumbe o salso elemento;
dos Andes campêa o filho,
mas uma sombra sinistra
á gloria lhe empana o brilho:
o velho Oceano vencido,
rouquejando embravecido
do seu vencedor aos pés,
vibra-lhe o dardo de morte:
« Que importa o seres mais forte?
« Eu sou livre, tu não és!

« Vê: meus dominios immensos,
« em todas as direcções,
« sulcam livres as esquadras
« das mais longinquas nações.
« As riquezas do meu seio,
« eu liberal as franqueio
« a quantos buscal-as vem;
« raças e tempos confundo,
« pois pertenço a todo o mundo,
« e não pertenço a ninguem.

« Mas a ti, rio orgulhoso,
« de que te serve guardar,
« como um aváro egoista,
« os teus thesouros sem par?
« Descendo dos altos Andes,
« regas dominios tão grandes
« que te invejára um sultão;
« mas que val essa vaidade?
« Grandeza sem liberdade,
« não é grandeza — é illusão! »

Então, pela vez primeira,
o ingenuo e forte gentio,
ouvindo chamar-se escravo,
nos pulsos grilhões sentio.
Quando Deus livre o creára
como ao mar que elle domára
no seu arrojo de heróe,
o homem pôr-lhe uma algema...
oh! era a affronta suprema,
e a humilhação, que mais dóe!

Por isso irado, revolto,
no seu caminho fatal,
seguia como agitado
de um pensamento infernal:
muito além da atroz barreira,
a vaga na ribanceira
soluça em longo fragor...
e os monstros, que dormitavam,

nos seus antros despertavam
repassados de pavor!

Mas, no livro do Futuro,
o Eterno marcara o dia
em que o vencedor do Oceano
irmão do Oceano seria:
já das mais remotas plagas
vêm baixeis sulcar as vagas
do colosso fluvial;
o Amazonas, livre e grande,
as forças concentra e expande
no convivio universal.

Cruzam-se as prôas altivas,
saúdam-se os pavilhões:
já n'essa arteria do mundo
ha de um mundo as pulsações.
Sôa o hymno do progresso
no mais profundo recesso
da floresta e do sertão!
Fez-se o sonho realidade:
Ó grandeza! Ó liberdade!
Já não sois uma illusão!

Divida paga!

Ao 13 de Maio

LICÇÃO formosa do Direito antigo!
Na augusta Roma, outr'ora, os condemnados
merecedores de exemplar castigo
como *escravos da pena* eram tratados.

Pois, se era justa a escravidão da pena,
justo é tambem que o devedor ignavo,
ante a moral severa que o condemna,
se deve e não solveu, torne-se escravo.

O Brazil, devedor á humanidade,
da divida era escravo: a geração
que proclamou do negro a liberdade,
deu ao proprio Brazil a redempção!

Da Patria se dirá, quando esculpida
fôr, no bronze, esta gloria immaculada:
«Por uma geração constituida,
«Por outra geração desaffrontada!

Já pódem nossos filhos orgulhosos,
os nossos feitos celebrar tambem:
« Foram nossos avós heroes gloriosos »
— dirão — « mas nossos paes homens de bem ».

Foi bello o SETE DE SETEMBRO: — honrai-o!
Mas, honrando o valor de nossos pais,
Accrescentemos nós — TREZE DE MAIO,
e o futuro dirá qual brilha mais.

1888.

Cæsaris Cæsari

Ao Imperador Pedro II e á Princeza Izabel

No 1.º anniversario da abolição

COMO a esse Pedro colossal da Historia
que, fremente de genio e de ambição,
dando ao seu povo leis, grandeza e gloria,
deu ao mappa da Europa uma nação;

e essa Izabel sublime, que alentando
os sonhos de um espirito fecundo,
a Christovam Colombo as joias dando,
deu á gloria um heroe, e um mundo ao mundo;

no bronzeo pedestal, com brilho novo,
hoje vos ergue a voz da humanidade:
velho que déste á Liberdade um povo,
mulher que déste um mundo á Liberdade!

E o brazileiro coração se expande
vendo no throno, fulgurante e bella,
depois de um Pedro como Pedro o Grande,
uma Izabel maior que a de Castella!

1889.

O encontro

QUANDO nos encontramos frente a frente,
no meio do salão,
tu, com a mesma astucia de serpente,
eu, com a mesma furia de leão,

«Amo-te ainda!» a soluçar juraste.
«Te odeio!» respondí.
Foi a ultima vez que me enganaste,
foi a primeira vez que te mentí.

Mas, depois d'esse encontro inopinado,
vendo-nos outra vez,
um remorso profundo achei pintado
na tua pallidez.

E quando os labios teus, brancos, de cêra,
murmuraram «Perdão!»

para oppôr a essa voz, talvez sincera
nada mais encontrei no coração!

* * *

Nada mais encontrei do quanto outr'ora
me déste de alegria, ou riso, ou dôr;
já não sentia mais por ti, senhora,
nem odio, nem amor.

Não! nem amor! Se *eterno* m'o juravas,
si eu tambem t'o jurei,
—confusão para mim! tu me enganavas,
e eu... tambem me enganei!

Ao receber teu juramento impuro,
mentidas falas que julguei sinceras,
amei, em ti, alguem que inda procuro,
alguem ... que tu não eras!

Fui cégo! E esse thesouro que eu guardára
de amor, querendo-te tu,
roubal-o, assim como Judas vendêra
a [illegible] de [illegible].

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

[illegible]

para oppôr a essa voz, talvez sincera,
nada mais encontrei no coração!

Nada mais encontrei de quanto outr'ora
me déste de alegria, ou riso, ou dôr:
já não sentia mais por ti, senhora,
nem odio, nem amor.

Não! nem amor! Se *eterno* m'o juravas,
si eu tambem t'o jurei,
—confusão para mim!—tu me enganavas,
e eu... tambem me enganei!

Ao receber teu juramento impuro,
mentidas falas que julguei sinceras,
amei, em ti, alguem que inda procuro,
alguem... que tu não eras!

Fui cégo! E esse thesouro que eu guardára,
de amor, querendo tu,
roubal-o, assim como Jacob roubára
a bençam de Esaú,

dos olhos foi-se a nevoa que os cobrira,
o sonho esvaeceu:
foi só tua, senhora, essa *mentira*...
o *engano,* sim, foi meu!

Pará — 1887.

Vergissmeinnicht!

(Na primeira folha de um album, onde havia desenhado um ramilhete de « forget-me-nots »)

Um romantico *lord,* lá das serras
Que deram berço ao genial Scott,
Disse, ao partir-se para longes terras,
A uma *lady* mais loira do que o dia,
Que nos seus braços pallida gemia:
Oh! Forget me not!

E um francez, ao marchar para a Criméa,
Receioso da sorte iniqua e má,
E atormentado pela triste idéa
De não tornar a vêr a dôce amada,
Lhe dizia tambem, com voz magoada:
Ah! Souviens-toi de moi!

Certo carlista heróe, que em mil porfias
Sellar buscava as tradições do avô
Nas fileiras de el-rey feito em fatias,

Deixando a cara aldêa e a noiva bella,
Murmurava no seio da donzella:
¡ No me olvides, ai no!

E uma filha formosa de Veneza,
Que jurára no amor eterna fé,
Toda envolta em pallor e *morbidezza,*
Supplicava ao amante, um joven russo,
Em voz, que mais que voz era um soluço:
Non ti scordar di me!

E até se conta que um seminarista,
Do despotico amor curvado á lei,
E esquecendo o decóro de sacrista,
Deixou seu nome no album de uma prima,
Tendo em formosas garrafaes por cima:
Vale! Memento mei!

Mas houve n'um paiz, refere a lenda,
Um triste, um pária, um sem-ventura emfim,
Que, da separação na hora tremenda,
Nem ao menos na lingua que aprendera
Dos labios maternaes, dizer pudera
Recorda-te de mim!

Manáos — 1890.

A carta e a flôr

CARTA e flôr recebi n'um só momento;
e por signal, que a flôr
era uma rosa, e a carta um juramento
de puro e eterno amor.

Foi-se o tempo ... e no cofre de páo santo
em que eu ambas guardei,
ai! tinha a lettra amarellado tanto!
que secca a flôr achei! ...

Em soluços rompi ... não sei ainda
se pela pobre rosa,
ou pela carta, ao lêr frase tão linda
tornada mentirosa.

E convenci-me, pela vez primeira,
que o tempo, emquanto gyra,
torna do amor as flôres em poeira,
e as juras em mentira.

Pará — 1888.

Os grandes ambiciosos

QUANDO, e como, não sei; porém um dia,
Por determinação dos justos céos,
Para julgar uns curiosos réos,
Um tribunal curioso se reunia.

Fôro, uma praça immensa. Entre os juizes
— Innumeravel multidão fremente,
Ululante, feroz, — havia gente
De todas as edades e paizes.

Eu soube então que quantos desgraçados
Tinha empolgado da Ambição a garra,
Vinham do extranho tribunal á barra,
E alli, summariamente, eram julgados.

Um, que vi succumbir sob o máo trato,
Mesmo affrontando o soffrimento acerbo,
Inda incendios no olhar tinha soberbo;
Me disseram seu nome: era Erostrato.

Outro, que só viveu por seu thesouro,
E de riquezas pela sêde intensa,
— Ó justiça exemplar! — vi por sentença
Sepulto em vida sob montes d'ouro!

Aquelle, com a c'rôa ensanguentada
Sobre a régia cabeça ambiciosa,
Corrido foi da multidão furiosa
Como um cão hydrophobico: a pedrada!

As classes de ambição tão varias sendo,
Imaginai os réos quantos não eram!
Pois n'esse dia alli todos tiveram
Um castigo justissimo e tremendo.

Eis que o ultimo réo, do ultimo crime,
Da apupada ao fragor, surge na praça:
Traz na fronte o ferrête da desgraça,
O sello atroz que o soffrimento imprime.

Rôto... andrajoso... Que!?—Pois tu, mendigo,
Tambem tiveste uma ambição na terra?—
Mas o misero a bôca não descerra:
Segue humilde ao encontro do castigo.

E a multidão emfim pôde encaral-o...
Mas um caso inaudito então se deu:
Dos dez mil braços que iam lapidal-o,
Nem um só se moveu!

. . . . . .

E eu vi que o triste incólume passára
Entre olhares de pura compaixão:
Era um pallido poeta que gastára
Toda vida a buscar . . . UM CORAÇÃO! . . .

Pará — 1894.

Á ilha de Cuba

CINGE-SE o mar em que tu brilhas
de aterrador, rubro clarão!
Perola excelsa das Antilhas,
já não és perola, és volcão!

Lavas de fogo e dynamite,
rios de sangue a se escoar!
Que a combustão voraz crepite,
Phenix da cinza ha de voar.

Da nobre Hespanha a heroicidade
vê sua estrella esmorecer...
Quçres vencer a Liberdade?
Tens o Impossivel que vencer.

Berço do Cid e de Pelayo!
em muitos sec'los de oppressão,
ah! tambem tu vibraste o raio
que Cuba agora tem na mão!

Salve, *Criolla* altiva e bella,
que estrangulando ufana vaes
os leões temidos de Castella
entre os teus braços virginaes!

Urrah! — por ti! Viva a revolta!
Cante o clarim, fale o canhão!
Teu pavilhão aos ares solta!
Já foste *escrava,* hoje és *Nação!* [1]

Pará — 1895.

[1] Sahio das garras do Leão Iberico para cahir nas da Aguia Americana... Ironia do destino!...

Portugal e o Gama

Por occasião do Centenario Indiano

HONRA, fama, valor, foi tudo inutil,
Ó nobre Portugal! O mundo ignáro
Lançou dados á tunica inconsútil
Que entreteceu-te o teu heróe preclaro.

Despedaçaram teu immenso imperio!
E da régia grandeza transitoria
Com que inteiro abarcaste um hemispherio,
Hoje, tudo passou . . . menos a gloria!

Menos a gloria, sim! — Paiz pequeno, —
Hão de acclamar-te os seculos distantes.
Quando o mundo curvaste a um teu aceno,
Povoavas os mares de gigantes.

Ha de brilhar teu nome em toda parte,
Vivo, de gerações em gerações . . .
Só ninguem se erguerá, para cantar-te,
Á mesma altura em que se ergueu Camões!

Mas, se a lima do tempo não consome
O que a Gloria immortal ha consagrado,
Ha de comtigo perdurar o nome
Do lendario almirante, eternisado.

Não foste, ó rei Manoel, o venturoso!
Ventura foi a do fiel vassallo
Que teve em sorte o Oceano Tenebroso,
E dos vates o rei para cantal-o!

Exulta, ó Gama! O solio em que te assentas
Tem do mar que sulcaste a immensidade!
Quando dobraste o cabo das Tormentas,
Dobraste o cabo da immortalidade!

Pará — 1898.

A catastrophe

Por occasião do naufragio do couraçado *Solimões*. Recitada n'uma festa de caridade em beneficio das familias das victimas

COMO é bello morrer, quando a batalha
desdobra o quadro tetrico que atterra!
quando em chammas é o ar! quando a metralha
tinge com o sangue dos heroes a terra!
Como é bello morrer, quando é mortalha
patrio pendão, que para nós encerra
tudo quanto é de gloria e luz oriundo,
tudo quanto de amor temos no mundo!

Sim! É mui bella a morte do soldado
quando no campo da peleja expira:
o gladio em punho, o busto a meio alçado,
sonhos de gloria n'alma que delira...
E depois... e depois... como arrancado
do fundo coração, d'onde partira,
á Patria, que elle amou e honrou morrendo,
mandar um beijo no extertor tremendo!

Sim! Ditosa a valente marinhagem
que depois de prodigios de heroismo,
como epilogo ao drama da abordagem,
desce do oceano ao tenebroso abysmo!
Ante os rasgos sublimes de coragem,
transfigura-se o horrendo cataclysmo:
é que, do amor da Patria no transporte,
é luz a propria escuridão da morte!

Porém nas solidões do mar sanhudo,
entre as aguas e o céo, que se desdobra,
quando nas cristas de um rochedo agudo
da tempestade se completa a obra,
como é triste morrer longe de tudo,
morte ingloria, n'um barco que sossobra!
e dormir sobre o leito dos escolhos,
sem mão amiga que nos cerre os olhos!

Nem poder esperar que venha um dia,
lacrymosa, da esposa a imagem bella,
contemplando essa bruta penedia,
cheia de magua soluçar sobre ella!
Nem consolo na ultima agonia,
nem sepulcro n'essa agua que enregéla!
Clamar no ultimo arranco: «Ó Patria amada!»
e a morte responder: «Já não tens nada!»

Mentira! Tem a Patria lacrymosa!
tem a próle querida que o pranteia!
paes sem consolo, esposa desditosa,
toda a humana e dulcissima cadeia!

E ao pensar no que deixa a mente anciosa,
horror maior ao peito senhoreia:
e n'um delirio atroz, que não se acalma,
maior morte, ao morrer, se leva n'alma!

Do SOLIMÕES os bravos tripolantes,
nas voragens do mar precipitados,
eram, já nos seus ultimos instantes,
d'este horrendo martyrio atormentados:
cresciam-lhes as ancias cruciantes,
ao lembrar-se dos seus, desamparados...
Pois bem: chorando os bravos que tombaram,
pensemos n'esses que ao morrer deixaram.

Sim! Démos uma lagryma á desdita,
pelos nossos briosos marinheiros;
á luz da causa santa que se agita,
todos os corações são brazileiros.
Já que a nossa alma para o bem gravita,
Sejamos nós da caridade obreiros...
e aqui, libando do prazer a taça,
erga-se a esmola á altura da desgraça!

Pará — 1892.

Autor e Actor

Ao amigo Moreira de Vasconcellos

QUANDO teu genio, ás luzes da ribalta,
dos vôos do condor transcende a altura,
brilham teus olhos que a paixão exalta:
e tu és creador, e és creatura . . .

Brotam as urzes pelos dois caminhos;
soffres, eu sei, dobrados amargores . . .
mas a vida do actor produz espinhos,
que o talento do autor converte em flôres.

Pará — 1896.

Pelos orphãosinhos

Na matinée de 14 de Julho, anniversario da queda da Bastilha

SENHORES, n'este momento,
A idéa que nos congraça,
É a Liga do sentimento
Contra um despota — a desgraça:
Ha no mundo uns entesinhos
Sem lar, sem pão, sem carinhos,
Sem paes, e sem mães tambem . . .
Nos batem, chorando, á porta:
Quem tem a fibra tão morta
Que lh'a não abra? — Ninguem!

Oh! Quando a mão do innocente
Se estende, o pão a pedir,
Dae! É a esmola do Presente
Illuminando o Porvir!
Então um ceitil que caia,
É maga aurora que raia
Entre horrenda cerração.
Mas se a mão recae vasia . . .
Quem sabe? — talvez um dia
Será do assassino a mão!

N'esses antros que a miseria
Na sociedade propaga,
A consciencia, chamma etherea,
É luz que cedo se apaga;
Do negro abysmo do crime,
Quantos seres não redime
Um pouco de pão e luz!
Quanta innocencia não morre,
Porque ninguem a soccorre,
E o negro vicio a seduz!

Amparemos a innocencia!
Não será possivel mais,
Nem anjinhos na indigencia,
Nem criancinhas sem pais!
Não! Jamais pelas estradas,
Sem arrimo, abandonadas,
Errarão tristes e sós!...
Que importa se os paes morreram?
Aquelles que os paes perderam
São filhos de todos nós!

Pará — 1894.

Ao Rio Grande do Sul

JÁ não se ri de nós o mundo inteiro,
graças ao teu altissimo denodo!
Não póde esta nação morrer de todo
emquanto o extremo sul fôr brazileiro!

Salve, ó Sul! Salve! ó patria do pampeiro!
Quando o nome — Brazil — era um apodo,
tu, só, pudeste erguel-o desde o lodo
até a esphera em que brilha o teu Cruzeiro!

Gloria a ti, que aos mastins da dictadura
mostraste que o brazileo paraizo
gera tambem gigantes na estatura!

Tu, que negaste ao despota um sorriso,
tu, que ris com despreso ante a tortura,
tu, sim! sabes morrer quando é preciso!

Pará — 1893.

Adeus!

A HERMINIA

Ai! O adeus que eu te digo, dolorido,
minha rosa de amor, singela e santa,
não podendo arrancal-o da garganta,
das profundezas d'alma eil-o partido!

Aqui, vivi querendo e fui querido;
aqui, o sonho que arrebata e encanta
sonhei... Era demais ventura tanta:
eis meu sonho afinal desvanecido!

Adeus! Adeus! N'este supremo anceio,
em que me parto, afflicto, do teu lado,
nem sei, rôto o meu ser de meio a meio,

onde me pára o coração magoado:
Se inteiro existe ainda, é no teu seio!
Se no meu peito o levo, é espedaçado!

Manáos — 1890.

A Herminia

No seu anniversario natalicio

Um dia, lá da eterna magestade,
Vendo na terra Deus muito amargor,
Diz movido de altissima piedade:
«Desça ao mundo uma gôta de dulçôr!»

Depois, vendo que a noite se condensa,
E que a tudo avassalla a escuridão,
Exclama cheio de ternura immensa:
«Enviemos-lhe a esmola de um clarão!»

E concebeu na mente uma feitura,
Que para a vida tenebrosa fosse
Como um raio divino de ventura,
Como uma apparição serena e dôce.

Debruçaram-se, trémulos, a vel-a,
Os astros, n'amplidão, cheios de amor...
.....
E tu surgiste, como surge a estrella!
E tu nasceste, como nasce a flôr!

Manáos — 1890.

O dr. Pedro Paulo

A seu extremecido irmão, dr. José Paes de Carvalho

Este não era d'esses frios sabios
Em cujos corações (talvez de pedra!)
Não vinga a compaixão, em cujos labios
Uma dôce palavra nunca medra:

Tão sabio quanto humano, conhecia
As agruras crueis da humana sorte.
Como era forte e bom quando sorria!
Tinha um sorriso que espantava a morte.

Do sentimento a flôr, que cultivava,
Não pudéra fanar-lh'a a profissão:
Sentia as dôres todas que curava,
E sentia-as no proprio coração.

Mas, sondando o poder com que lutava,
Dando batalha á enfermidade e á dôr,
Só não via esse — nada — que o matava
Como um verme no calix de uma flôr!

Enterro e noivado

SAHIRAM da mesma rua
um enterro e um noivado,
e dentro em pouco passavam
morta e noiva lado a lado.

Ambas de branco vestidas,
ambas de candido véo!
Uma ao altar caminhava,
já estava a outra no céo!

Qual julgam que ía risonha?
Qual a que chorosa estava?
Talvez o leitor se engane,
porque se as visse, pasmava:

Pois talvez dissera, vendo
sorrir uma, outra a chorar,
que ía a morta ao seu noivado,
e ía a noiva a se enterrar!

Pará — 1892.

A partida de Colombo

(Canto I da epopéa de Campoamor)

Sáem do porto de Palos de Moguer, a 3 de agosto de 1492, ás tres da madrugada. — Transpõem a barra de Saltes. — Nomes dos navios. — Quem é Colombo. — Nomes dos que o acompanham. — Retrato de Colombo. — Terror dos marinheiros. — Como começa Colombo seu diario. — Invocação.

I

AQUI é Palos. — Silencio! — As aguas frisa
Uma frota que zarpa com cautela.
— Sexta-feira. — Tres horas. — Sopra a brisa;
Da náo menos veleira foge a véla.
Já para além de Saltes se divisa
Uma... duas... terceira caravella.
— Porém quaes são? — Deixae que até mais tarde
Eu, como as sombras, o segredo guarde.

II

Anno noventa e dois.—Refresca o vento!
Tres de agosto.—Inda é noite; a brisa é fria.
Sec'lo quinze.—Eis na brisa algum augmento!
Gran sec'lo! Anno feliz! Glorioso dia!
Segue a frota com brando movimento
Do mar de Atlante a não cortada via.
—Mas onde vae?—Que o conte o sol sómente,
Quando inundar de luz todo o oriente.

III

Mas partem, viva Deus! como em fugida!
Menos pranto, melhor, menos estrondo:
Como em Palos não sabem da partida,
Quanta lagryma o sol verá se pondo!
Famoso navegar! D'uma corrida
Já vão a zona visual transpondo...
—Porém quem são?—Ninguem seu nome ha ouvido.
—E vão...?—Onde mortal nenhum tem ido.

IV

Uma ave canta.—Extinguem-se os luzeiros.
Bom! Eis que aos barcos illumina o dia:
Chamam-se *Pinta* e *Nina* os dois primeiros,
E o que vae mais atraz *Santa Maria.*
Já podeis vêr quem são: aventureiros;
Chama-se um tal *Colombo* quem os guia.
—Mas onde vae?—Não sei.—Quem é?—Tão pouco;
Dizem alguns que um sabio, outros que um louco.

V

Louco! Tambem quando uma idéa ousada
Lança Alexandre á Asia victorioso,
Chama o orbe loucura essa jornada;
E ao orbe todo submetteu glorioso.
Mais audaz que Alexandre, este que estrada
Nova rasga n'um mar aventuroso,
—Vos espantais? em vosso espanto abundo:
Corre a apagar os términos do mundo!

VI

Vamos com elles?—Sim. Eil-os bem perto.
Quem saiba amar a gloria, que me siga.
—Que é longa a viagem?—longa um pouco, é certo
Porém a brisa sopra tão amiga!...
Vêde qual vão com elles de concerto,
Sem vae-vém, sem esforço, sem fadiga,
O sol que brilha, o mar que se desdobra,
O vento que anda, e o barco que manobra!

VII

Vamos, pois. São valentes companheiros!
Junto a *Rodrigo Sanches* que está em frente,
Os tres praticos luzem mais certeiros:
O bom *Nino, Roldan, Ruiz* o valente.
Vão soldados, grumetes, marinheiros,
Pedro Gutierres... tudo heroica gente!
São cento e vinte, entre almirante e tropa:
Ai! Quantos d'elles voltarão á Europa!

VIII

Vão os *Pinzons*—maruja veterana!—
Que um a *Pinta,* outro a *Nina* aos ventos guia,
Rodrigo de Escobedo, Alonso, Arana . . .
Não vos disse? Excellente companhia!
Segue tambem *Rodrigo de Triana,*
Cuja historia de amor lereis um dia;
Quando é que ás nossas almas não recreia
Uma historia de amor, embora alheia?

IX

Com um *Ximenes* de fatal memoria
Outros vão, que por pouco os não maldigo;
Do dia dez de outubro a negra historia
A rasão vos dará porque hoje o digo.
Continuamos do sol a trajectoria
Com uma dita sem egual . . . — Prosigo:
— Sabeis este quem é? — Não. — Eu tão pouco:
Pois esse é o sabio, ou antes! esse é o louco.

X

Dôce gesto — não é? junto á altaneira,
Magestosa expressão grave e prudente.
Tez alva. Entre a dourada cabelleira
Brilha dos annos a corôa algente.
A vista clara, viva e sobranceira;
O rosto largo; a face saliente.
Convence ou encanta quando move o labio:
Tal é o louco, ou se quereis, o sabio.

XI

Santo Deus! Já nos ares se evapora
A amada Hespanha! Ao longe se ennevôa!...
A patria, sempre ingrata, como agora
Parece, qual nenhuma, linda e bôa!
Já não se vê!—E alguem por isso chora?
Cesse o pranto sem fé! Oh! Não vos dôa
Que este ou aquelle, com pezar profundo,
Diga em seu coração:—«ai! adeus mundo!»

XII

Mui justo adeus! De um mar tão solitario
Ao peito mais audaz géla o segredo:
Parece que em seu fundo tumultuario
Retumba o furacão, quêdo!... mui quêdo!...
Quasi tendes rasão: é necessario
Um louco ser, para encarar sem medo
Sob os pés o sepulcro, acima o ambiente,
Pena no coração, e *nada* em frente!

XIII

Que faz *Colombo* emtanto? Eil-o escrevendo:
—«De Deus em nome...» lança commovido.
Bom principio! A esse Nome já compre'ndo
Que se apazigue o oceano enfurecido.
E eu, que o roteiro acompanhar pretendo
De um heroe tão christão e destemido,
Tambem, audaz, cantando-lhe a grandeza,
De Deus em nome dou começo á empreza:

XIV

EM NOME DO SENHOR! eu canto a gloria
De um nauta ousado, intelligente e pio,
Que escurece dos sabios a memoria,
Que dos grandes heroes offusca o brio!
Nauta feliz que eclipsará na historia
Todo o valor, a sciencia e o poderio
Que em seis mil annos, com jactancia insana,
Faustosa ha accumulado a especie humana!

XV

Sim! EM NOME DE DEUS! canto ao que ousado
Aventou com seu sôpro omnipotente
O palacio de sombras encantado,
Onde dormia o sol pelo occidente!
Ao que a hydropica sêde ha saciado
Do cubiçoso e velho continente,
E deu-lhe um dia, em perennal thesouro,
SOBRE ILHAS DE CORAL MONTANHAS D'OURO!

Pará—1889.

Garridice feminil

Fort comme la mort . . .

I

LIZITA, a flôr da minha freguezia,
era guapa, engraçada,
mas formosa era-o só quando sorria:
que então, transfigurada,
um diluvio de luz, uma alvorada,
banhava-lhe a gentil physionomia.
Julguei que ella o ignorava: ella o sabia!

II

Lizita ia morrer . . . e estava ausente
o eleito de sua alma!
Esta lembrança barbara sómente
ao seu trance final roubava a calma.
« — Elle ha de vir! » dizia ;

e já no arfar da ultima agonia,
murmurava baixinho: «Elle ha de vir!
«Quando vier...» Calou... pobre Lizita!
fez um esforço... quiz morrer bonita:
e morreu a sorrir!

III

E foi assim que ao descambar do dia,
o noivo, em leito de açucena e rosa,
achou-a amortalhada: ainda sorria,
e estava, além de angelical, formosa!

Pará — 1895

Amor e Arithmetica

N'essa quadra de riso e de ventura,
sem discrepancia ou detrimento algum
cumprimos o preceito da escriptura:
eu e tu fomos 1.

Um, no amor, na vontade; *um,* finalmente,
em dois corpos vivendo ... só depois
é que em momentos de innocente arrufo
fomos ás vezes 2.

Veio porém o Anjo da Harmonia
morar em nossos lares outra vez:
quando um bêbê no berço nos sorria
e eramos nós já 3.

Os extremos tocam-se

AQUELLA, a cortezã, sêdas vestia,
e tinha a vida criminosa e impura:
esta, a virgem, a casta enlanguescia
de tanto se curvar sobre a costura.

Quando acaso passava, a peccadora
via a outra a coser junto á janella;
e lembrando o passado, o que antes fôra,
tinha inveja da misera donzella.

No emtanto a virgem, vendo-a como um astro
que rola á noite pelo azul da esphera,
seguia, com o olhar, da infame o rastro,
murmurando baixinho: «Quem me dera!»

E sabia só Deus qual o mais rude,
qual o mais duro e mais cruel supplicio:
se o do vicio saudoso da virtude,
ou o da virtude que invejava o vicio.

Pará — 1898.

Cousas ephemeras

N'uma pagina d'album, onde havia desenhado um passarinho cantando entre rosaes.

CANTA, canta, canta, canta,
innocente passarinho!
Te irrompe a voz da garganta?
Palpita ó amor em teu ninho!

Rescendei, brilhae formosas,
gosai, ó flôres gentis!
Entregai-vos, lindas rosas,
aos beijos dos colibrís.

Mas... depressa! Porque tudo
cumpre as mesmas duras leis:
tu — bem cedo estarás mudo!
vós — mortas breve estareis!

Ah! Todo canto se cala,
todo perfume se exhala,
e . . . (oh! dôr!)
entre o que mais veloz corre,
entre o que mais cedo morre,
está o amor! . . .

Pará — 1889.

A um lutador

Saudação recitada por uma menina

TRAZES na fronte o brilho
de mil laureis de gloria;
és um dilecto filho
da luta e da victoria.

Por Palinuro novo
da hodierna geração,
já te sagrou do povo
a immensa acclamação.

Tens como luz e exemplo
a vida immaculada:
da Historia o eterno templo
abrio-te franca entrada.

Mas na fronte cingida
de laureis e esperanças,
pede tambem guarida
um beijo das crianças.

Dos pequenos o bando
dá-te coisa bem pouca:
mas fallando ou beijando
unge-lhes Deus a boca!

A Henrique Bernardi

Em seu regresso ao Pará

Nós chamamos a nós os bons, os sabios,
os que trabalham como tu trabalhas
n'essas aturadissimas batalhas,
quando o ensino, que é luz, te cáe dos labios.

Eras dos nossos já. Nossa amisade
pelo largo oceano acompanhou-te:
a longa ausencia é como a longa noute,
onde accendem-se os astros da saudade.

Agora, que entre nós te vês de novo,
vês tambem nos semblantes d'este povo
da sincera alegria a flôr sorrindo;

de novo apertam-se os antigos laços;
a terra da Amazonia abre-te os braços:
Bernardi, ao teu Pará sejas bemvindo!

1896.

O poeta e o mar

COMO está tranquillo o mar!
nem uma brisa respira,
só na liquida saphira
vem os astros se mirar!
Nem a vaga se avoluma,
nem brilha accesa ardentia . . .
Ah! Mas sem o tumulto, e a branca espuma,
Venus, deusa do amor, não nasceria!

É como o mar o Poeta:
se reina em seu peito a calma,
o céo se espelha em su'alma
estéril, bella e quieta:
mas se as ondas procellosas
se elevam em serrania,
deusas, mundos, gigantes, nebulosas,
surgem da nívea espuma da Poesia!

1898.

Esperança morta

A proposito de um dito

Tu dizes que tens no seio
uma esperança já morta...
Pódes dizel-o — que importa,
se eu em taes ditos não creio!

O facto surprende, pasma,
confunde mesmo aos mais sabios...
Não! Quem risos tem nos labios,
não tem no peito um phantasma!

Por mais que negra procella
turve da vida a bonança,
não morre nunca a esperança
n'um coração de donzella.

Pois digo-te agora eu:
melhor o caso examina,
e has de ver que a tal *menina*
dorme apenas, não morreu!

Dorme apenas — anjo lindo,
deitada, immovel, sem fala...
mas, se queres despertal-a,
verás: desperta sorrindo!..

Delirio

Eu morto estava. Teu olhar divino
—*Surge et ambula!*—disse. E resurgi.
Sonhei então... Que sonho peregrino!
Quão louco fui por ti!

Quão louco fui! oh! quanto! Mas agora
que de novo esse olhar — morre! — bradou,
como se em noite revertesse a aurora,
eu para a campa vou.

Quando lêres, em frase lacrymosa,
de um coração na lousa um — aqui jaz —
do nosso amor te lembra, sê piedosa,
e diz — descança em paz!

Salve, ó sepulcro! Alai-vos, esperanças!
Tacteio já na escuridão sem fim.
A cada frio olhar que tu me lanças,
sinto uma pá de terra sobre mim!

Poemetos

A melhor esmola

Á EX.ma SNR.a D. * * *

I

ERA uma joven feiticeira e bella:
simples, meiga, jovial e candorosa;
engraçada e louçã como uma rosa,
scismadora e gentil mais que uma estrella.
E como contam d'ella
umas historias cheias de ternura,
em que mui claramente se revela
sua alma como um favo de doçura;
e como, além do mais, sobra-me agora
o tempo, cuja falta é meu tormento,
quero, minha senhora,
prender vossa attenção por um momento.

Mal despertava a aurora
no ninho quente os sabiás da serra,
n'aquella mystica e festiva hora
toda perfume e vida, em que parece
que uma enorme oração se ergue da terra,

e a terra inteira ao Creador adora,
já Thereza gentil, erguida a prece,
pelo papae, pela mamãe e o mano,
antes que o velho professor viesse,
assentava-se ao môcho do piano.

Merece este piano ser descripto.
Faço-o n'uma pennada: era de Erard,
d'ebano, e sobre ser novo e bonito,
tinha esculpido um busto de Mozart.
Um primor uma joia verdadeira:
dizem que quando aberto era o teclado,
junto ao negro tão negro da madeira
aquelle alvo tão alvo do marfim,
recordava um ethiope, assentado,
com o largo semblante escancarado
n'uma risada ironica e sem fim!

Mas, sabendo que os dias são contados
por muitos entre a mingua e o desengano,
tinha a nossa heroina outros cuidados
além d'aquella maravilha, o piano;
pois um dia a mamãe bondosa e séria:
— «Filha, ha no mundo muito pranto amargo;
«adocemos do proximo a miseria» —
disse, e poz tres mendigos a seu cargo.

Falando nos cuidados de Thereza,
iamos esquecendo um rouxinol
que era mesmo um prodigio de belleza,
e cantava n'um tom de mi bemol,

todo doçura, uns hymnos de tristeza,
principalmente ao descambar do sol:
n'uma linda gaiola pendurada
ao centro da janella,
mais que de quanta polpa assucarada,
elle vivia dos carinhos d'ella.

Tambem tinha um canario
barulhento, travêsso, espalha-braza,
que desatando o seu vocabulario
de trillos, ritornellos e volatas,
fazia mais rumor que dez cascatas,
e nada mais se percebia em casa.

Porém o Benjamin d'entre os cantores,
aquelle que a menina amava mais,
que ella installára em aposentos régios,
e a quem dava, além d'outros privilegios,
diariamente uma ração de flôres
e beijos, da gaiola entre os varaes,
era um formoso sabiá que ás dôres
dava fórmas soberbas, triumphaes,
n'uns cantos repassados de amargores.
Que cadencia, que timbre, que expressão!
Quando elle alçava a sua voz maviosa,
era como uma nenia lacrymosa
que abrandava o mais duro coração.

Eis os cuidados de Thereza, em summa,
sem faltar coisa alguma.
Perdão: faltando apenas dois canteiros,

de jardim os mais bellos, já se vê,
onde um pé de alecrim, muitos craveiros,
rosas sem conta, dhalias, jasmineiros
e não sei mais o quê,
attestavam que a linda creatura,
a angelical Thereza,
mesmo porque era flôr, flôr de belleza,
tinha paixão pela floricultura.

E agora, com effeito, está completa
minha enumeração.
Mas, se d'esta donzellà de que trato
ainda quizerdes mais fiel retrato,
limito-me a citar certo poeta
que disse, no calor da inspiração,
e depois de a chamar — «lirio entre abrolhos»,
que era — *rosa na face, astro nos olhos,*
pomba no coração —

II

Entre os tres pobres de Thereza havia
um trémulo ancião,
de tão pouco vulgar physionomia,
que era certo attrahir-nos a attenção.
Imaginae que a cabelleira branca
como frouxeis de prata, lhe cingia
a fronte vasta, pensativa e franca.
A barba, tambem nivea, que cahia
farta, ondeante, em completa liberdade

até quasi a cintura,
punha um sello de régia magestade
áquella nobre e varonil figura.
Mas, fazendo contraste a tanto gêlo
espalhado na barba e no cabello,
como que o fogo em seu olhar se esconde
na profundez das orbitas, por onde
umas vivas luzernas
brilham, como as fogueiras mysteriosas,
que os piratas, em noites invernosas,
accendem pelo fundo das cavernas.

Por volta da tardinha, era infallivel:
o velhinho chegava;
n'um recanto aprazivel
do jardim, onde as flôres rescendiam,
sob um caramanchão, junto a uma mesa
de rustico lavor, se recostava,
e alli, com mil cuidados, o serviam
umas mãos de princeza.
Terminado o jantar, no mesmo instante
era o café servido:
aromatico, negro, fumegante,
n'uma taça de rosea porcellana,
onde os labios do velho protegido
tocavam com delicia sobrehumana.
E no emtanto a menina,
tendo na boca — encantador sorriso,
na voz — modulações do paraizo
que ao ancião vibravam em surdina,
toda alegre do bem que lhe causava,
de mil *coisas e loisas* lhe fallava

com confiança e candidez divina.
E depois que o cachimbo lhe provia
de soberbo tabaco do Acará,
d'esse raro, excellente,
de fumo azul e cinza alvinitente
(que ella *ad usum* tirava cada dia
da bolsa do papá);
tendo-lhe, mais, no alforge introduzido
uma peça de prata,
da qual ignora-se a grandeza exacta,
quando o velho tentava commovido
beijar-lhe a mão gentil, beijava-o ella;
e como o vôo na amplidão desata
rapido, airoso e leve um cherubim,
sumia-se a donzella
entre as flôres e arbustos do jardim.

Mais um minuto ainda, e lá se ouvia
o piano a tocar:
chegava a hora do morrer do dia,
a hora de Mozart.

Mas agora reparo
que esta frase tão curta e tão singela,
a queima-roupa, assim, sem um preparo,
vos põe por certo a *matutar* sobre ella.
Da *hora de Mozart* a historia é esta:
Thereza ouvio dizer que Augusto Comte
fizera para os seus um kalendario;
ella então, mais modesta,
bebendo a inspiração na mesma fonte

em que o sabio a bebeu, fez um *horario,*
no qual cada um dos nomes
dos musicos da sua sympathia,
—os que mais fundo o coração commovem—
dominava uma certa hora do dia:
Donizetti, Rossini, Carlos Gomes,
Mendelsohn, Mayerbeer, Verdi, Beethoven
e ainda outros mais que não recordo agora,
todos tinham sua hora;
e a mais solemne, a da melancolia,
a do dôce scismar,
a hora saudosa do morrer do dia,
não sei eu porque vaga analogia
ella a deu a Mozart.

Mas ao velho voltando:
depois de haver com terno olhar seguido
a fuga da menina, eil-o scismando:
ficou no espaço o seu olhar perdido,
como se entre os fulgores do poente
ainda a avistasse fugitivamente.
A esse tempo a fumaça caprichosa
do colossal cachimbo,
pairava-lhe ondulante, como um nimbo,
sobre a bella cabeça magestosa;
e então aquella veneranda fronte,
da geleira dos annos branqueada,
semelhava-se á cupola de um monte
de neves e de nuvens coroada.

Assim por largo espaço elle jazia,
emquanto ao longe o piano de Thereza

desdobrava uma dôce melodia
impregnada de mistica tristeza;
d'essa immortal tristeza indefinida
que o sublime Mozart, quando vivia,
tinha no peito a devorar-lhe a vida;
tristeza que elle expande e que desata
nos delirios divinos da sonata.

E a tarde se esvaece...
e o velho se conserva quêdo, absorto,
como alguem que se lembra... ou que se esquece;
talvez lembrança de um passado morto,
talvez olvido de um cruel presente
cheio de desespero e desconforto!
Eil-o que emfim desperta de repente,
vê-se envolvido pela escuridão,
e se retira pressurosamente
arrimado ao bordão.

Um enorme rafeiro,
em signal da melhor camaradagem
festeja-o á sahida, e o jardineiro
descobre-se á passagem
do trôpego mendigo,
que em cada ser, ali, conta um amigo.
Advirta-se, entretanto,
que não foi isto um puro resultado
nem de que fosse o jardineiro um santo,
nem o rafeiro um cão morigerado:
o caso no principio se passara
muito diversamente,
pois o homem mostrava-lhe má cara

e o cão mostrava o dente.
Mas interveio bemfazeja fada,
e a potencia da magica varinha
operou a mudança desejada;
uma palavra, e temol-a explicada:
—ordem de sinhásinha.

O seu amado pobre ella o queria
venerado e bemquisto:
«Não sabem?—muitas vezes repetia—
«o pobre representa a Jesus-Christo!»

III

Por muito tempo as coisas caminharam
serenamente assim, até que um dia
em um ponto importante ellas mudaram,
nunca pude saber porque seria:
continuava o velho soccorrido
affagado e querido;
davam-lhe tudo quanto outr'ora tinha;
porém, quando á tardinha
quedava-se alheiado a meditar,
já não se ouvia na mansão visinha
o piano a tocar.
Porque? Mysterio! Aquelle que conhece
os segredos das almas das donzellas,
que procure explicar o que teem ellas
quando lhes acontece,

ao dobrar do seu decimo oitavo anno,
se esquecerem do estudo e do piano.
Eu, por pouco entendido, renuncio
a tão altas questões: sigo o meu conto,
sem augmentar ou supprimir um ponto,
rectilineo, sem curva e sem desvio.

Depois desta mudança
talvez delle sómente percebida,
parece que uma atroz desesperança
envenenava do ancião a vida:
se retomava, ao descambar do dia,
seu caminho, tristonho e desolado,
quem o visse passar logo o diria
mais infeliz, mais velho e mais curvado.

Foram levando as coisas máo caminho:
do pobre o definhar foi tão notorio,
que, cheia de carinho,
fez-lhe Thereza um interrogatorio
que um juiz de instrucção invejaria.
Esquivava-se o velho, ella insistia;
mas da insistencia della e da esquivança
d'elle, mais uma vez ficou provado
que, em duélo de astucia e teimosia
entre criança e ancião travado,
a victoria final é da criança:
repellido até a ultima trincheira,
destroçado, sem lança e sem escudo,
conveio o velho em arriar bandeira,
e confessou-lhe tudo:

«Anjo! da tua peregrina esmola»
—disse— «tenho inda a parte que alimenta,
«mas faltou-me a melhor—*a que consola;*
«se hoje minh'alma levantar-se intenta
«acima d'esta misera existencia,
«já não encontra as azas que encontrava
«quando o teu piano ao céo me arrebatava,
«approximando-me á divina essencia;
«quando a aragem da tarde me trazia,
«unidos n'uma esplendida harmonia,
«os anceios do genio, e os da innocencia!
«Perdôa!—e a voz aqui se lhe sumia,
«e um véo de pranto lhe nublava a vista—
«Perdôa! ao tempo em que eu tambem... vivia...
«eu fui tambem artista!

«Eu tambem, como tu, tive uma estrella,
«fui querido e gentil como tu és:
«pude arrastar a multidão, e vêl-a
«delirante a meus pés!

«Depois... o golpe da desgraça! Enfermo,
«eu me vi paralytico e sem pão...
«Tornou-se o mundo para mim um êrmo
«sem consolo, sem lar, sem um amigo...
«Hoje andrajos arrasto, e sou mendigo,
«mas conservo do artista o coração!»

A menina chorava enternecida
escutando do velho a triste historia:
beijou-lhe a bella fronte encanecida,
como reliquia de passada gloria.

E n'esse dia o magico piano
se ouvio de novo á *hora de Mozart,*
inspirado, soberbo, soberano,
insistente a tocar.

Tambem, por vez primeira, o mendicante
excedeu a demora costumada,
e foi sómente pela noite adeante
que encetou lentamente a retirada.

Quanto a Thereza, adormeceu repleta
das impressões de um dia fatigante;
e sonhou vêr o velho triumphante:
já não era mendigo, era propheta;
da cabelleira raios espargia,
sobre um throno de nuvens se assentava,
e, fitando-a, bondoso, lhe sorria
emquanto d'esta sorte lhe fallava:
«*De todo bem que se espalhar no mundo,*
«*a esmola feita á alma é o mais fecundo*».

E ouvia-se uma musica soando
docemente no ar,
e iam-n'o os anjos para o céo levando,
e entoavam sonatas de Mozart.

A primeira folha

Historia de um reporter

I

SEI *que de posse estás d'este segredo;*
«*Se o revelares... meu punhal...*» mais nada.
Estremeceu ao ler: não era o medo,
Era a voz da consciencia revoltada.

—«Ameaça vilissima e cobarde!
«Bilhete anonymo!»... E depois sereno:
—«Que importa a morte, venha cedo ou tarde,
«Seja o meio o punhal, seja o veneno?

«Nada á vida me prende!» E era sincero
Quando esta frase proferiu tão dura:
Só tivera uma escola—o desespero,
N'ella um mestre sómente—a desventura.

Só no mundo, a cruzar desde criança
Como um cão vagabundo as longas ruas,
Muitas vezes vestio-se de esperança,
Porque as carnes, coitado! estavam nuas!

E dormindo ás estrellas e ao relento,
Como os lyrios agrestes e as boninas,
Não tinha, ao despertar, outro alimento
Que o perfume das auras matutinas.

Foi-lhe a vida um milagre indiscutivel;
E d'esse attrito da existencia errante,
D'esse luctar titanico e terrivel,
O menino sahiu quasi um gigante!

Alcançou, não se sabe onde nem quando,
Uma tintura, uns longes de instrucção;
Mas não ha quem o visse soletrando,
Ou com a carta de — a b c — na mão.

Fez-se *reporter,* arrojado, estrenuo;
E ostentava tamanha actividade,
Que ao vel-o em toda parte, o povo ingenuo
Emprestava-lhe o dom da ubiquidade.

De qualquer *rôlo* na refrega bruta,
Entre a massa do povo e dos policias,
Certo era ver-lhe a cabelleira hirsuta
Fluctuando no encalço das noticias.

Ia d'ellas á pista como um louco!
Farejava nos ares qualquer trama:
Saber mais que a policia — era bem pouco,
Saber mais que ninguem — era o programma!

E immergindo, sem medo ás tempestades,
Do pégo social no immenso arcano,
Vinha á tona trazendo as *novidades,*
Como coraes do fundo do oceano.

Sómente a dous poderes se curvava:
A Deus no céo, na terra ao redactor;
E a *Gazeta* era a joven que elle amava
Com o mais profundo e delirante amor.

Quando exhausto, poeirento, conseguia
Trazer-lhe uma local de sensação
Por entre as notas triviaes do dia,
Tinha o goso maior no coração...

Que gloria! E então, na fronte radiosa,
Tinha de orgulho essa expressão pintada,
Que um namorado tem, quando uma rosa
Atirou no regaço á namorada.

No cubiculo estreito em que dormia
Ouvindo o ronco atroador dos prélos,
A visital-o, á noite, lhe descia
A miragem fallaz dos sonhos bellos.

Sonhava-se na França ou na Allemanha,
Em theatros de luta horrenda e feia;
E mandava noticias da campanha,
N'uns despachos fieis, de legua e meia!

E sonhava por fim, de madrugada,
Quando n'um somno mais profundo immerso,
Que a famosa *Gazeta* idolatrada
Era o jornal mais lido do universo.

E aqui findando a limitada esphera
Em que seu grande coração gyrava,
Fóra d'essa ambição nada quizera,
Exceptuando esse amor, nada elle amava!

Resumia a affeição ardente, immensa
Que lhe inundava o peito, em seu jornal;
Tinha sómente por familia a imprensa,
E a officina por tecto paternal.

Nada era alli aos seus ouvidos mudo;
Mas tomando a seus olhos expressão,
Typos, galés, componedores, tudo
Parecia encaral-o como a irmão.

A seu olhar, a athletica figura
Tendo do *marinoni,* um quê de humano,
Um quê de vivo, em rasgos de ternura
Abertamente o baptisou por — *mano!*

II

. . . . . .

«*Se o revelares... meu punhal...*» sómente...
Relendo a carta anonyma e cobarde,
Disse afinal comsigo: «É convincente;
«Mas, meu caro visconde, chegou tarde!

«Vossa excellencia é infame, eis a verdade!
«Não ha ameaça nem punhal que o valha:
«Ha de vêr amanhã toda a cidade
«No visconde de G. mais um canalha!

E sacudindo a cabelleira escura,
Com indomavel altivez sublime,
Começou a escrever com mão segura
N'uma comprida tira — MAIS UM CRIME!

III

. . . . . .

Mas o visconde, se de facto elle era
O autor do tal bilhete mysterioso,
Não teria talvez virtude austera,
Porém tinha palavra, era brioso!

Horas mortas, em frente da officina,
O *reporter* rolou sobre a calçada:
Da sombra lhe vibrou mão assassina
Sobre o peito certeira punhalada!

. . . . . .

E era tudo deserto!... Ninguem vira
D'essa horrivel tragedia a conclusão:
Emquanto o athleta sem um grito expira,
Só pranteiam-n'o os astros n'amplidão!...

. . . . . .

Solidão e silencio!... Eis senão quando,
Um subitaneo horror se fez alli;
E o assassino fugio, como avistando
Legiões de phantasmas após si:

Nas profundas entranhas da officina,
Qual se ferisse-as uma dôr tremenda,
Uma colera enorme e repentina,
Mixto de raiva e de tristeza horrenda,

Houve um urro de tigre! Houve um lamento
Como a voz vingadora de um irmão:
—Era o prélo que entrava em movimento
Dando a *primeira folha da edição.*

Noites em claro

Ao anoitecer

VOAI, voai, ó ledos passarinhos!
Cortai, cortai o céo azul deserto!
A noite já vem perto:
é tempo de buscardes vossos ninhos!

Desce, desce tambem, ó Sol fecundo!
Já suspiram talvez, por teus ardores,
as peregrinas flôres
d'outras longinquas regiões do mundo.

Anoiteceu de todo. Ó musa! Vamos
Cortar a espuma e as vagas dos espaços!
Carrega-me em teus braços
Ás regiões do céo! Eia, corramos!

É a hora, emfim! Que o facho da Poesia,
irmão gêmeo das timidas estrellas,
accende-se com ellas
e empallidece quando rompe o dia.

Musa nocturna

QUANDO a terra, em seu gyro magestoso,
nos occulta na curva do Occidente
o benefico sol resplandecente,
que a natureza encheu de luz e goso;

Ella desce no raio melindroso
da mais timida estrella que desperta;
a terra pisa, vacillante e incerta,
e começa o seu gyro vaporoso.

Á claridade que o luar projecta,
vae ás praias do mar enfurecido,
e sobre os restos de um batel perdido
se debruça a scismar, como um poeta.

Vôa depois, ligeira como a seta,
ao logar onde geme angustiado
algum vate sublime e desgraçado,
vergado ao peso de uma dôr secreta.

E até aos proprios carceres a esmola
(se algum genio alli cumpre o seu destino)
corre a levar, no balsamo divino
da inspiração celeste que consola.

E emquanto a noite o manto desenrola
sobre a terra pacifica e dormente,
ella divaga, pallida e fremente,
bem como a virgem que um pezar desola.

Mas ao sorrir da luz que o mundo aclara,
ao brilhar no Oriente o albor d'aurora,
n'uma gôta de orvalho se evapora,
e volta assim ao céo, d'onde baixára.

Sonho

ESTAVA eu morto. Sobre o corpo inerte
— um punhado de pó que o abrigára —
o espirito pairava, ave sem pouso
que da morte o tufão desaninhára.

Minh'alma estava em frente ao meu cadaver,
em cujo rosto macilento e frio
contava os sulcos prematuros, fundos,
que o estylete da desgraça abrio.

Meu Deus, como era triste! Quatro cyrios
davam luz a este quadro commovente;
e ao pé do esquife um vulto ajoelhado
(mãe, eras tu!) chorava amargamente.

Tambem aqui e alli, de alguns amigos
se mostrava o semblante contristado.
Só tu, mulher! só tu que eu tanto amava
não velavas meu corpo amortalhado!

Não estavas alli! Ai! tua ausencia,
a tua ingratidão me doeu tanto,
que dos olhos sem luz do meu cadaver
eu vi brotar amarguroso o pranto!

Milagres do soffrer! Foi a tortura
tão cruel, foi minh'alma tão ferida,
que, não podendo me matar de novo,
a dôr me trouxe novamente á vida:

Acordei!... Fôra todo um pesadêlo:
desvarios do cerebro doente...
Porém o pranto que eu chorára em sonhos
corria de meus olhos realmente!

Ultimos momentos de D. Quixote

Morir cuerdo y vivir loco . . .

CERVANTES. — *El Quijote.*

A' cabeceira o bacharel e o cura;
Sancho, todo choroso, aos pés da cama;
o barbeiro, a sobrinha e a velha ama
além um pouco, em lugubre postura.

Despojado de lança e de armadura,
eis como aquelle heroe de eterna fama,
já vendo a Morte, que a terreiro o chama,
vae dar fim á sua ultima aventura.

Lembra-se então do tempo em que ancioso
de accommetter gigantes, pavoroso
procurava-os montado em Rossinante.

Lembra e sorrí: por fim reconhecera
que no mundo de anões, em que vivera,
elle só, D. Quixote, era o gigante!

Contradições

D'AQUELLE dia em que tiraram hirto
das entranhas do rio,
como uma estatua o corpo de Thereza,
tão pallido e tão frio,

disse um velho doutor, a mão pousando
no seio da suicida:
— «Volta o calor; e este calor... (sorrindo:)
este calor é a vida!»

Annos depois, em luxuosa alcova,
indo o mesmo doutor
visitar a infeliz que definhava
no seu leito de dôr,

Murmurava ao sentil-a em fogo, e o pulso
accelerado e forte:
— «Ai! sempre a febre! E este calor... (baixinho:)
este calor é a morte!»

Tu, celebrado Amor, és como aquelle
mysterioso calor,
umas vezes a vida, outras a morte,
e sempre o mesmo Amor!

O 15 de Agosto

Recitada ao desfilar do batalhão patriotico do 2.º districto, em 1880

O' povo! a geração que dorme agora
á luz tranquilla da celeste aurora,
esses heroes que foram nossos paes,
tinham no craneo lucido e fecundo
uns ideaes, tão vastos como o mundo,
traduzindo-se em actos collossaes.

Quando os velhos de agora, pequeninos,
Como um penhor de esplendidos destinos
se embalavam nos berços a sorrir,
elles, os cidadãos d'aquellas éras,
encaravam as célicas espheras,
como a medir a altura do porvir.

Quantas vezes então, entre a amargura,
Um suavissimo raio de ventura
lhes vinha as trevas d'alma illuminar!

E ao fitar os filhinhos que dormiam:
« Hão de ter uma patria! » elles diziam,
« nossa vida talvez ha de a comprar! »

Era este o seu sonho, esta a esperança
da altiva geração que hoje descança
n'um sepulcro que, a sangue, conquistou!
Ella, nos dando os fructos da victoria,
que guardou para si? Sómente a gloria
de dormir n'este chão que libertou.

Ó meus avós! Agora vos contemplo
á luz sublime d'este grande exemplo
que o mundo arrebatou!
Ó brazileiros rigidos de outr'ora!
lá, do seio da terra, vêde agora,
que este povo de vós não renegou.

Não renegou! Em uma tarde amena,
vós o vistes dormindo sobre a arena,
mas era um lutador!
E agora que frenetico se expande,
agora que desperta, é forte e grande,
como o jaguar terrivel do Equador!

Se cahio, como Antheu tocando a terra
que nas entranhas frigidas encerra
vossas cinzas, heróes!

o corpo não sentio vergar-se langue,
mas nas veias o ardor de novo sangue,
e no cerebro a luz de novos sóes!

Ei-a, povo! Ao porvir!—És forte ainda!
A caminho, a caminho! A aurora é linda,
a Liberdade é o Sol.
E este sublime ardor que nos devora,
possa ao menos unir-nos desde agora
como os metaes fundidos n'um crysol!

Adeus á Amazonia

Ao partir para o Sul em 1885

INDA te vejo, ó Patria! e qual se houvesse
partido ha muito, eu sinto que o meu pranto,
ao lembrar-me de tudo o que amei tanto,
já tristemente de meus olhos desce.

Ah! Se n'este momento atroz pudesse
inda na lyra humilde erguer-te um canto!...
Mas não! Um beijo, um triste adeus, e é quanto
o teu filho, a exilar-se, te offerece.

Terras do Sol, adeus! Como os cantores
das tuas mattas virgens, minhas dôres
hei de na solidão desabafar!

E só responderão ao meu lamento,
alguem que geme e que suspira — o vento!
alguem que ruge e que soluça — o mar!

Bordo do vapor *Manáos*.

A avalanche

ROLOU das nuvens esta massa extranha,
com ruido sinistro, atroador
como um rugir de vingadora sanha!
O Anjo Exterminador
dirigia-lhe a marcha; e nas aldeias
que sorriam na encosta da montanha
ao despontar d'aurora,
em logar d'alegria vê-se agora
a morte, o pranto, a dôr!

Deus meu! Assim tambem, dentro em minh'alma,
serena, dôce, calma,
eu tive outr'ora uns sonhos de ventura,
risonhos, cheios de uma luz tão pura,
como o homem talvez jamais sonhou . . .
Tive-os! No emtanto o gêlo da descrença
que o mundo, lá n'aquella altura immensa,
tão cedo accumulou,
cahio como avalanche da montanha,
e os sonhos cheios de uma luz tamanha
na quéda espedaçou!

O mergulhador e a perola

A MUNIZ VARELLA

Não! Jámais a darei por montes d'ouro!
O vil metal que as multidões seduz
não te póde comprar, filha do abysmo,
por mim trazida ás regiões da luz!

«Tu, que durante seculos dormiste
sobre o fundo do mar, frigido leito,
agora, como filha idolatrada,
passarás a dormir sobre meu peito.

«Hei de esconder-te a todos os olhares;
tu serás minha só, flôr de belleza!
Mendigo embora, sob os meus andrajos
ao mundo occultarei esta riqueza.

«E quando um dia para sempre as aguas
se fecharem sinistras sobre mim,
bella filha dos turbidos abysmos,
ao teu jazigo voltarás por fim!»

Audaz mergulhador isto dizia,
contemplando o thesouro que encontrára
quando explorava do oceano o lôdo:
Uma perola enorme, bella e rara.

Ella, porém, de mágoa embaciada,
a suspirar lhe diz:
«Só no meio de luz e de esplendores
é que eu serei feliz!»

«Pois bem: dou-te a guardar a um joalheiro;
e nas suas riquissimas estantes
pejadas d'ouro, reinarás soberba
entre rubis, topasios e diamantes.»

Mas a perola, triste, inda mais triste
diz-lhe a gemer:
«—É mais alto o logar onde eu almejo
resplandecer!»

«—Tens razão: devo dar-te ao soberano:
só te merece um rei; não serás minha,
mas brilharás n'um throno, entre esplendores,
sobre o formoso cóllo da rainha.»

Mas a filha do abysmo, que puzera
muito além, muito além, seu pensamento,
respondeu: «Meu desejo é ser a estrella
que fulgura no azul do firmamento!»

Tem o genio tambem d'estes arrojos:
d'entre a massa vulgar surgindo obscuro,
já no seu peito as ambições palpitam
desvendando-lhe estrellas no futuro.

Louco sublime! Quanta vez medindo
do seu destino a immensa trajectoria,
quer fazel-a n'um vôo, remontando
do abysmo—o nada, ao firmamento—a gloria!

Ao Visconde do Rio Branco

No dia 28 de Setembro

QUANDO ainda o seu vulto a terra enchia,
sempre o sol d'este dia assignalado
dava um beijo de luz n'aquella fronte
que outro mundo de luz tinha engendrado.

Mas veio um dia, e o viajor sidereo
estacou no seu gyro entristecido:
era a terra vasia ... o vulto ingente
debalde procurou: tinha partido ...

Tinha partido para a patria eterna,
Deus quizera acolhel-o em seu regaço...
Mas parece que o sol, desde esse dia,
inda busca-o saudoso, lá do espaço!

Os heróes de 1823

Publicada no dia 15 de Agosto de 1881

TINHAM elles o sangue de tres raças
que Deus unira aqui, no mundo Novo,
para fundidas no crysol das éras,
se tornarem depois n'um grande povo.

no coração apaixonado e ardente,
uniam o valor do luzitano
e a robustez vital dos filhos d'Africa
á altiva intrepidez do americano.

No peito crepitava-lhes a chamma
da Fé que o CHRISTO sobre a Cruz pregára.
Raça de heróes! Punhado de valentes
que o valor de tres seculos gerára!

Foram grandes, emfim! Foram tão grandes,
nos deixaram de si tão largos brilhos,
que hoje, ao ver este povo agonisante,
pergunto se realmente são seus filhos!

A uma cantora

Que cedeu parte do seu beneficio em favor da Sociedade Philantropica de emancipação de escravos

Recitada por occasião do mesmo espectaculo

EMQUANTO a multidão, n'este recinto,
delira, folga e ri,
muitos sorvem o calice do absynto
não mui longe d'aqui.
Emquanto as horas livres dos labores
enchemos de prazer,
outros affogam n'um gemido as dôres
se forças ainda têm para gemer!

E no meio da turba miseravel
que chora na indigencia,
miseraveis talvez por excellencia,
os escravos estendem-nos as mãos . . .

Tristes ludibrios do interesse louco,
elles possuem tão pouco,
que nem sequer possuem-se a si mesmos...
.....
E SÃO NOSSOS IRMÃOS!

Em frente á multidão que ri, senhora,
em vossas alegrias,
quizestes ver a multidão que chora,
quizestes mitigar-lhe as agonias.
Transformação sublime, que consola!
do publico os favores
e as odorantes flôres
convertestes em perolas: a esmola!

Não escutaes agora
uma voz interior dizer-vos — bravo!?
Não receeis: é a voz de DEUS, senhora,
supprindo a voz do escravo.

Vós, dos heróes do bem entraes na lista;
por isso vos applaude o povo tanto;
elle o deve, elle o quer!
O seu ardor é justo, é nobre e santo,
pois honra, a par do merito da artista,
o coração bondoso da mulher.

A viuva

NADA o destróe?!»
—«Si é verdadeiro, oh! nada!»
—«Pois julgaes que o amor...»
—«É eterno!» Anciosa,
calou: tinha a pupilla tenebrosa
d'uma nuvem de lagrimas toldada.

•

—«E a morte?» eu disse.
—«E o céo?» tornou magoada.
Comprehendi-a e chorei: a desditosa,
n'aquelle corpo de mulher formosa
tem apenas um'alma apunhalada!

Scepticos! ride, se quereis! Eu creio
na dôr d'essa mulher: funda amargura
nas suas faces descoradas leio.

Oh! Não vos tente a triste formosura:
o morto amor que guarda aquelle seio
torna a propria belleza em sepultura!

Avante! [1]

A JULIO CEZAR RIBEIRO DE SOUZA

POETA! Á luz da inspiração gigante,
e nas azas do Genio fulgurante
que o cerebro allumia,
sei que mil vezes pelo céo voaste,
e ao abysmo do espaço te arrojaste
em douda phantasia!

Sei que foste adejar, como os condores
acima d'essas nuvens multicores,
mais perto das estrellas:
divagaste no mundo das chimeras,
e librado entre as lucidas espheras,
te extasiaste ao vel-as.

Era teu guia, n'essa audaz jornada,
a mente excelsa, a mente incendiada
no fogo da poesia:
Foste um vate sublime! E repetiram
as multidões os cantos que te ouviram
de energica harmonia.

E assim, antes que a fronte te adornassem
e o caminho da gloria te apontassem
os louros da sciencia,
das *Pyraustas* nos cantos inspirados
vimos, todos, os vôos arrojados
da tua intelligencia.

N'um d'esses vôos, quando audaz, radiante
sobre o flanco das nuvens do Levante
a terra contemplavas,
tiveste um sonho bello, grandioso,
e antevendo um futuro luminoso,
sublime te axaltavas.

Baixaste o olhar de lá, da immensidade,
e viste sobre a terra a humanidade
qual outro Prometheu,
em frente d'esse espaço azul, profundo,
pelas leis da attracção atada ao mundo,
mas desejando o céo!

Então a voz de Deus bradou-te: «Desce!
«Eis que é já tempo: a lyra e o canto esquece,
«outra é tua missão.
«Aguia, procura avassalar os ares!
«Como um batel que vôa á flôr dos mares,
«resvala n'amplidão!

«Pensa! É grande a missão e immensa a gloria!
«Pensa! E nunca descreias da victoria:
«Eu guiarei teu passo.

«Para o homem o mundo é já mesquinho,
«é preciso lhe abrir mais um caminho;
«franquêa-lhe esse espaço!

«Eu te faço o Moysés da nova edade:
«é preciso guiar a humanidade
«em direcção aos soes!
«Sabes o que é a amplidão? Um mar sem raias;
«o céo é um porto de azuladas praias,
«os astros são pharoes!»

Avante! A voz divina é que te inspira:
o mesmo Deus que sons te deu á lyra
dá luz ao teu pensar.
Que trevas amontôe a inveja — embora!
a noite ha de fugir perante a aurora
já prestes a raiar!

Romeiro do idéal

A THEODORICO MAGNO

CIL-O: atravessa do deserto ardente
a vastidão sem fim, árida e núa;
e a miragem fatal que attrahe seus olhos
em frente d'elle perfida recua.

Infeliz peregrino! Emquanto a morte
n'essa illusão se occulta traiçoeira,
elle sonha as doçuras do descanço
na verde relva, á sombra da palmeira!

Sonha matar a sêde que o devora,
antegosa o frescor de amena fonte,
e prosegue! e prosegue! A arêa em fogo
corta-lhe os pés, e o sol queima-lhe a fronte.

E caminha! e caminha! Até que exhausto,
pela ultima vez fita sorrindo
a fagueira visão, e moribundo
cáe do deserto no areal infindo!

Eis a imagem d'aquelle que na mente
creou mundos risonhos de poesia,
e passa a vida delirante e louco,
correndo após a propria phantasia.

Romeiro do ideal— eis seu destino
nos desertos da vida. Ao que elle aspira
não sabe o mundo; não possue a terra
esse bem pelo qual tanto suspira.

Loucura? Embora! Seguirá constante
o sonho pelo qual sua alma anceia.
Seguir! Seguir! Seguir! Até que um dia
Páre... ao rolar morrendo sobre a arêa!

As duas lagrimas

AMBAS foram ter ao céo,
áquelle santo logar
onde as lagrimas formosas
são esparsas, como as rosas,
sobre os degráos de um altar.

Uma d'ellas derramára,
no momento de morrer,
um ladrão; outra um anjinho,
um formoso innocentinho
que acabava de nascer.

Disse a lagrima do infante:
—«É justo que eu aqui esteja;
«pois a mão da Providencia
«colhe o pranto que a innocencia
«por entre espinhos goteja.

«Mas a ti, lagrima escura
«que um criminoso chorou,
«porque foi que rutilante
«n'uma concha de diamante
«bello Archanjo te guardou?

«Qual o merito, responde,
«que te fez gaṁhar os ceos?»
Disse a outra humildemente:
— «Fui o pranto penitente
«que entreguei um'alma a Deos!»

A ultima dôr

AOS INGRATOS

ENDO-TE, ó CHRISTO! livido, arquejante,
sobre o lenho da cruz, negro, affrontoso,
vendo as gôttas do pranto amarguroso
a sulcarem teu rosto agonisante,

eu tento embalde soffrego, anhelante,
desvendar o mysterio tenebroso
d'esse pranto, e do espinho doloroso
que te pungio no derradeiro instante.

E penso então, que nem os duros cravos,
nem a corôa dos espinhos bravos,
nem a lança que abrio-te o Coração,

nem o espectro da morte que surgia,
nada um Deus a chorar constrangeria
se não fosse este horror: *a ingratidão!*

Os sonhos

Oui, dormir et rêver! — Ah! que la vie est belle,
Quand un rêve divin fait sur sa nudité
Pleuvoir les rayons d'or de son prisme enchanté!

A. DE MUSSET.

SONHOS felizes! Meus queridos sonhos!
Já que a vida é tão triste, e a phantasia
só nos braços do somno encontra asylo,
vinde animar o meu dormir tranquillo.

Acercai-vos, ó seres vaporosos!
Dentro em breve meu corpo fatigado
ha de jazer inerte sobre o leito:
vós então pousareis sobre meu peito.

A mente povoando de chimeras,
de harmonias, de flôres e de estrellas,
verei de outr'ora os dias tão serenos
E assim serei feliz, sonhando ao menos.

Vinde primeiro vós, sonhos de gloria
com que na infancia embriaguei minh'alma!
Vinde! aquecei meu coração dormente
n'aquelle antigo enthusiasmo ardente!

Depois... logar aos sonhos da esperança!
Logar aos sonhos da ventura extincta!
Que talvez para mim dure a ventura
em sonhos mais que na existencia escura.

Sonhos saudosos! Vinde após, ligeiros,
como um bando de rôxas borboletas,
trazer-me, em vossas azas setinosas,
o perfume das quadras venturosas.

Depois vireis, ó sonhos de harmonias,
nas harpas d'ouro dedilhar baixinho;
e assim talvez recordarei um canto
d'aquelles que eu outr'ora amava tanto.

Venham depois os sonhos de poesia
a meus ouvidos segredar, a medo,
os pobres versos que eu compunha outr'ora
das tardes ao cahir e á luz da aurora.

Talvez ouvindo-os, sinta no meu peito
por momentos arder o fogo antigo,
e a luz da inspiração, tão pura e linda,
projecte um raio na minh'alma ainda.

Por fim, quando no céo brilhe a alvorada,
sonhos de amor! chegai-vos sem receio,
sobre meu leito reclinai. Quem sabe
se eu tenho ainda algum calor no seio?

O incendio

(Intercalada em uma pequena peça theatral)

QUANTA ventura reduzida a cinzas!
Quanta esperança reduzida a pó!
D'aquelle albergue, tão risonho outr'ora,
restam ruinas fumegantes só!

O fogo tudo devorou sem pena,
e emquanto em chammas turbilhona o ar,
no chão da praça desgraçada próle
pranteia a perda do seu pobre lar.

Eis se levanta uma mulher no emtanto,
e possuida de mortal desgosto
assim profere, desvairada e louca,
por entre o pranto que lhe banha o rosto:

«Tranquilla estancia de felizes dias,
«tecto querido que abrigou meus pais!
«Não mais nas tardes de verão formosas
«tua grata sombra gozarei! Não mais!

«N'esse aposento onde crepita a chamma
«oh! quantas vezes venturosos, ledos,
«correram d'antes meus queridos filhos
«ao gozo entregues de infantis folguedos!

«D'essa janella que abrazada estala
«eu, mãe feliz, embevecida os via,
«e no seu berço, entre cortinas alvas,
«outro formoso cherubim dormia.

«Alli a infancia me correu suave,
«sempre cercada pelo amor dos meus.
«Quanta lembrança se desfaz em fumo!
«Tecto querido, para sempre adeus!»

E contra o seio que o soluço agita
ella estreitando o seu gentil filhinho,
lhe diz: «Criança! Já não tens mais berço!
«Ave, o tufão arrebatou teu ninho!»

E além o esposo a contemplar o estrago,
sentindo n'alma um desespero atroz,
triste! não chora por não ter mais prantos,
nada responde por não ter mais voz!

Desventurados! Quando o sol desponte
a um lar estranho pedirão abrigo.
Porém quem sabe se acharão piedade,
se hão de encontrar um coração de amigo!

Talvez, mendigos nas desertas praças,
quando da noite se desdobre o véo,
terão por lampada o brilhar dos astros,
por leito a terra, por telhado o céo!

.....

Quanta ventura reduzida a cinzas!
Quanta esperança convertida em pó!
Nada mais resta do tranquillo albergue:
a chamma tudo devorou sem dó!

Elegia

Ao prematuro passamento de D. Marcia C. Dias de Miranda, occorrido em viagem, no alto mar

A SEUS PAES E A SEU ESPOSO

MEU Deus! Onde ella está? No lar querido
em que outr'ora viveu, amou, sorrio,
o raio da desgraça
flamejante cahiu!
Aquelle mundo que ella encheu de encantos
a chora hoje vasio:
julgarieis talvez que foi um sonho,
que ella nunca existio!

Dizem que ella morreu! E o pranto amargo
sulca o semblante d'esses entes caros
que tanto a idolatraram!
Dizem que os olhos seus, no somno eterno
(esses olhos tão cheios de doçura)
p'ra sempre se fecharam!
Que jamais ha de ouvir a voz afflicta
d'aquelles que no trance doloroso

por seu nome chamaram!
Que nunca mais ha de beijar sorrindo
essas crianças lindas, seductoras,
que tantas vezes seus maternos braços
contra o seio apertaram!

Essas crianças que... Pobre innocencia!
Pobres anjos! Em horas de tristeza
ha de um dia acordar, da natureza,
nos peitos seus a voz:
hão de querer na sepultura d'ella
derramar uma lagrima entre dôres,
plantar n'aquella terra algumas flôres
e alli scismar a sós;
hão de querer talvez rezar baixinho,
de joelhos em terra, soluçando,
e á sombra de uma cruz dizer chorando:
«Abençôa-nos, mãe! Véla por nós!...»

E nem cruz! E nem campa! E nem a terra
os seus restos mortaes
no frio seio luctuosa encerra!
Nada mais! Nada mais!
O destino que outr'ora comprazia-se
em mostrar-se-lhe amigo,
por fim, até do funeral jazigo
a sombra lhe negou!
Tudo, tudo acabou-se! Hoje não resta
de tantas esperanças,
nada mais que essas timidas crianças
e a saudade sem fim que ella deixou!

Porém que importa? Em toda a parte ao morto
é leito p'ra dormir;
o mundo todo é magestoso porto
para ancorar nas plagas do existir;
por toda a parte o mesmo ceo estende
os esplendores seus;
e onde a luz de seus fachos não resplende,
alli mesmo penetra o olhar de Deus!

Ella desfruta além dias serenos.
É justo o vosso pranto; mas ao menos
não a julgueis perdida:
a virtude não desce á sepultura,
existe um'alma que immortal perdura
nos puros gozos de uma eterna vida.

É justo o pranto que a saudade apura...
chorai, mas não digaes que ella morreo:
pretendel-a na terra era loucura
porque os astros e os anjos são do ceo!

Evangelina

A SEU PADRINHO A. J. DE LIMA

POBRESINHA! Quando apenas
d'aurora as côres serenas
despontavam-lhe a sorrir,
do mundo se despedio:
tinha somno, tinha frio,
foi n'uma campa dormir!

Ouvio canticos suaves
como o gorgeio das aves
que esvoaçam n'um pomar:
— eram os anjos do ceo.
E o anjinho adormeceo
para jamais acordar.

Ouvio que alguem a chamava
lá n'esse azul que a encantava,
n'esse azul que chamam — ceo;

e vendo a VIRGEM MARIA
que amorosa lhe sorria,
os bracinhos lhe estendeo.

E logo um grupo de anjinhos
foi levando entre carinhos
o novo anjinho feliz...
Innocente! Evangelina!
não tens na mansão divina
saudades do teu paiz?

Oh! não! Mimosa andorinha,
trocaste a sombra mesquinha
pelo esplendido arrebol!
Aqui teu paiz não era:
foste á eterna primavera
em busca do eterno Sol!

Chaine brisée

A J. R. S.

A' luz de seus ternissimos olhares,
de sua voz ao melindroso accento,
prendera o coração e o pensamento
o ser que a recebera ante os altares.

Ella passou no emtanto entre os pezares
da vida, como a nuvem que um momento
sobre o cimo de um monte nevoento
roçou de leve, e se perdeu nos ares.

Veio a hora tremenda da partida:
— Adeus! — disse ao esposo; e a eternidade
desvendou-se-lhe á vista commovida.

Sorte cruel! Cruel fatalidade!
Ella vive na morte, e elle na vida
morre de descspero e de saudade!

A uma menina

No seu anniversario natalicio

A VIRGEM MÃE, das virgens protectora,
e JESUS, que a innocencia estremecia,
façam chover os raios da alegria
sobre a tua cabeça sonhadora!

Vive sempre feliz e idolatrada:
que não passe jamais pelo teu rosto
nem a sombra ligeira de um desgosto,
nem de pranto uma gôta amargurada.

Não encontres a ponta de um espinho:
seja a tua existencia um canto apenas,
e de um tapiz de niveas açucenas
vejas sempre coberto o teu caminho.

Mas, se a lança da dôr ferir tu'alma,
se approuver ao Senhor que tu padeças,
soffre, chora, porém nunca te esqueças
que esta vida é o martyrio, e o ceo a palma.

Lembra-te, emfim, que a sorte embora mude
o gozo em dôr, feliz é a creatura
se depois de chorar a desventura
e de tudo perder, resta a virtude.

Liberdade? [2]

No dia 15 de Agosto de 1881

QUE vejo? As ruas ornadas,
tudo em galas festivaes!...
Aqui além, espalhadas
brilham côres nacionaes!...
Que vejo? A cidade inteira
mudou-se: em todas as partes
tremulam mil estandartes,
erguem-se arcos triumphaes!

Hão de em breve, delirantes,
desfilar as multidões,
entre applausos retumbantes,
no meio de acclamações!
Ha de o brilho de mil luzes
dar em faces descoradas
ha muito tempo curvadas
ao peso de humilhações.

Ergue-se o povo do olvido?
Torna de novo a viver?
Lembra o passado esquecido
elle, que estava a morrer?
Das cinzas do servilismo
a pobre patria humilhada,
como a phenix encantada
torna mais bella a nascer?

Não! Mentira! Um galvanismo
este cadaver moveu!
Mentira! que o patriotismo
do pó nunca mais se ergueu:
a Patria, a obra gigantea
da geração que extinguio-se
cahio com ella: sumio-se!...
A Patria... a Patria morreu!

E a Liberdade—tão bella!
a dôce esposa do Bem,
cahio na tumba com ella,
com ella expirou tambem!
Isto que o povo hoje acclama
é a *mentira!* Esta alegria
é uma horrenda hypocrisia
que não engana a ninguem!

Este esplendido festejo
ao que jaz na sepultura
(oh! cobre-me o rosto o pejo!
geme esta alma de amargura!)

é um gargalhar satanico,
sarcasmo da populaça
que ri da propria desgraça
nos arrancos da loucura!

E crê-se livre este povo!...
Vergonha! Escarneo! Irrisão!
Erguei um protesto novo,
ó filhos da escravidão!
Despi-vos perante o mundo:
na pelle da côr da noite
mostrae-lhe o sulco do açoite
vibrado por *nossa* mão!...

E dizei ao mundo inteiro,
bradai com voz de Stentor:
«Eu tambem sou brazileiro,
«e... vêdes? tenho um *senhor!*
«Tenho um *senhor* que me esmaga!
«Do seculo á luz intensa
«cumpro nefanda sentença
«que enche o espirito de horror!

«E os filhos de heróes de outr'ora
«dizem:—O escravo que val?—
«e ao tempo que o negro chora,
«elles zombam do seu mal!
«E esta raça escravocrata,
«em nome da Liberdade
«(vergonha da humanidade!)
«inventa este carnaval!»

E o mundo ha de ouvir o brado
d'essa pobre escravatura
(que o echo propaga irado
os gritos da desventura).
E as nações que nos contemplam
hão de em côro de gigante
bradar com voz fulminante:
«Opprobrio á nação perjura!»

Perjura, sim! Porque o pacto
que nós juramos cumprir
envolve este grande facto:
a escravidão extinguir.
Sómente por este meio,
se este povo estima a gloria,
póde aspirar ter na historia
um nome grato ao porvir.

Mas este povo está morto:
como ha de á gloria aspirar?
Como — frio, inerte, absorto,
ha de elle ao porvir marchar?
Extincto o fogo nas veias,
resta-lhe vida sómente
para o gozo inconsciente
das raças que vão tombar!

Vêde: as turbas ignorantes
pedem a luz da instrucção,
e os talentos, supplicantes,
que lhes estendam a mão.

Mas ninguem dá-lhes ouvidos:
aquelles ficam no escuro,
estes ficam sem futuro,
e os pobres ficam sem pão!

E o povo, em risos fecundo,
folga esbanjando milhões,
sem vêr que as nações do mundo
o cobrem de maldições!
Folga! em vez de penitente
pedir perdão, atterrado,
a Deus, que julga o passado
e que condemna as nações!

Vox populi

Recitada pelo actor Rocha, em scena aberta, por occasião dos festejos em honra do Ex.mo Sr. Conselheiro Samuel W. Mac-Dowell

Vox Dei...

ARRIMADA ao bordão, a altiva forasteira
mil vezes poz os pés sangrentos na soleira
das douradas mansões onde a opulencia impera;
dos aulicos servis passou por entre as alas,
os áditos transpoz, e penetrou nas salas
conscia de si, tranquilla, e ao mesmo tempo austera.

Quem é? Não a conhece a turba dos *senhores,*
a multidão feliz que da existencia as dôres
affoga no furor das doudas bacchanaes;
quem lhe comtempla emtanto a régia fronte altiva,
julga que um genio bom, que alguma egregia diva
exilada do céo vaguêa entre os mortaes.

Onde nasceu? Mysterio! O mundo inteiro ao vel-a,
embebido na luz d'aquelle olhar de estrella,
ha muito que seguir procura os passos seus...
Debalde! Se inqueris d'onde ella veio e aonde
os pés dirige audaz, ninguem, ninguem responde;
alguem sabe o segredo e alguem o guarda: é Deus!

Ás vezes sobre o cimo adusto do Calvario
seu vulto se divisa immovel, solitario;
que faz? Scisma talvez, talvez espera alguem;
levanta ao céo sem fim o fundo olhar, parece
que reza... E, como o sol que atraz dos montes desce,
magestosa depois desapparece além.

Assim, a perlustrar n'um gyro de gigante
o mundo, a deusa andou sem ter afflicta, errante,
um tronco onde podesse a fronte repousar;
expulsa, como um cão, dos paços dos senhores,
sahia, a devorar comsigo as proprias dôres...
sahia, em sangue os pés e coruscante o olhar.

Um dia emfim chegou: rachavam-se as montanhas,
palpitavam da terra as tétricas entranhas,
obumbrava-se o sol tomado de pavor...
Suspenso de uma cruz, um JUSTO agonisava
tão pobre e nú, que Deus apenas o abrigava
com seu divino olhar, com seu divino amor!

N'esse momento ouvio a deusa, que chorava,
a chamal-a uma voz terrivel que echoava

como um abalroar de mundos n'amplidão:
e a voz lhe disse:—Vae, eu faço-te rainha!
Resistir-te ninguem conseguirá: caminha,
irmã da tempestade! Ó VOZ DA MULTIDÃO!

E ella partio: foi raio, horror, espanto, assombro;
quebrou sceptros, fez reis, desentulhou do escombro
imperios, e ninguem conteve os passos seus:
ella tem quando arranca, e despedaça, e esmaga,
o arremeço, o furor titanico da vaga...
Oh! Sim! *A voz do povo é a propria voz de Deus!*

Pois bem: tu, Samuel, que foste entre esta gente
o Palinuro audaz, o general valente,
da grande alma da Patria a augusta incarnação,
tens mais que de ministro a farda esplendorosa,
pois no teu verbo audaz echôa impetuosa
—junto ao throno do Rei—*a voz da multidão!*

Lagrima de mulher

LAGRIMA pura, lagrima brilhante
«que eu vi se deslisar da face d'ella,
«fôra pouco o tornar-te n'uma estrella,
«fôra injuria o tornar-te n'um diamante!

«Porque tu, pedra clara e scintillante;
«e tu, esphera esplendorosa e bella,
«nada valeis por certo junto áquella
«gôta de luz serena e palpitante!»

Isto outr'ora escrevi, quando embalado
em sonhos mil, eu tinha encadeado
aos pés d'aquella pérfida o meu ser.

Mas hoje, que a illusão se desvanece,
hoje é que eu sei o apreço que merece
uma lagrima em rosto de mulher!

A Alice

No seu anniversario

PARA em signal de amisade
aos teus pésinhos depôr,
andei cheio de anciedade
a procurar uma flôr.

Porém succedeu, Alice,
que ao colhel-a, a consciencia
«Que vale uma flôr» me disse,
«perante a flôr da innocencia?»

E seguindo meu caminho,
todo mágoa e confusão,
ouvi dentro em mim baixinho
segredar-me o coração:

Teu desejo em vão trabalha;
Alice é rica de mais:
não ha thesouro que valha
o grande amor de seus pais!

Nobre orgulho

A uma alma desilludida

HOUVE um rei legendario, um rei antigo
que, n'um grande combate desthronado,
d'uns andrajos cobrio-se, e disfarçado
poude escapar á sanha do inimigo.

Mas tão nobre altivez guardou comsigo,
que ao passar indigente, esfarrapado,
ouvia o povo murmurar pasmado:
«Tem uns ares de rei, este mendigo!»

Alma nobre e infeliz! Quando tombaram
teus reinos ideaes, d'onde sósinha
as batalhas da vida te expulsaram,

tudo perdeste, ó misera e mesquinha!
Mas, se o manto dos hombros te arrancaram,
Sob o manto do orgulho inda és rainha!

Licção materna

Vê, mamãe, como a noite está serena!
Mas, dize, do Senhor a mão bondosa
porque fez esta estrella tão pequena
e o sol tão grande, e a lua tão formosa?!

«Filho, o astro que vês tremeluzente
como longinquo e pallido pharol,
mais distante de nós está sómente:
é maior do que a lua e do que o sol.

«Mas o mundo (a licção te fique ao menos),
aos que mais aprofundam-se nos ceos,
porque d'elle se affastam vê pequenos,
muito grandes embora os veja Deos!»

Lagrima de rosa

Elegia

A JOÃO AUTO DE MAGALHÃES CASTRO

O terno trovador de vinte annos,
tão sublime e tão meigo em seu cantar,
sem da vida provar os desenganos
foi do cypreste á sombra descançar.
A morte o surprendeu entre a doçura
de um hymno de ventura
que lhe vinha nos labios borbulhar!
seus sonhos de criança
repletos de ternura,
risonhos de esperança,
foi no escuro da campa mergulhar!

Depois, tambem a pobre mãe — coitada!
de quem foi elle a unica alegria,
de saudades morreu atormentada,
e além jaz sepultada
no seio d'esta terra humida e fria.

Ninguem mais d'elle, pois, se lembra agora:
em completo abandono
póde a luz desfrutar da eterna aurora
e a paz do eterno somno.
No seu sepulcro humilde e solitario
que não tem visitantes,
só quebrado das auras sussurrantes
reina sempre o silencio mortuario!...

Sómente a cruz, que aos temporaes resiste,
grave, sublime e santa,
os negros braços para o céo levanta
silenciosa e triste:
como na vastidão do mar fremente
attestando a catastrophe passada,
sobre as aguas se elevam tristemente
mastro e verga de barca naufragada.

A cruz sómente? Não! Uma roseira
que alli ninguem plantára
lançou raizes do sepulcro á beira,
e sobre elle suas ramas elevára:
em sua haste, viçosa,
louçã e purpurina,
embala-se uma rosa
aos bafejos da brisa matutina.

E é tudo o que nos falla do poeta,
do excelso trovador
que tinha tanta luz na mente inquieta,
no seio tanto ardor!

Elle, que consagrou sentidos cantos
a toda desventura,
não tem quem venha á sua sepultura
derramar uma lagrima de amor!...

Porém... eis que um gemido angustiado
pelos ares soou;
foi a brisa: nas ramas dos cyprestes
sussurrando passou.
Ao seu impulso estremeceu a rosa,
a fronte languorosa
para a terra inclinou:
e da bella corolla purpurina,
uma baga de orvalho, crystalina,
como gôta de lagrima divina
sobre a campa rolou.

Ao cantor Arnaldo Ravagli

Na noite do seu beneficio

RAVAGLI, eu sou teu devedor: contente
contrahi essa divida a escutar-te
os meigos sons da tua voz, que a Arte
torna mais que a dos deuses eloquente.

Devo-te horas de enlevo, e enlevo ardente;
e agora, vendo a multidão saudar-te,
sinto uns nobres desejos de pagar-te,
e mais que nunca encontro-me indigente.

Mas pagar-te com que? D'ouro careço,
e quando fosse meu todo o universo,
sei que certos primores não têm preço.

Fico insolvavel, pois; e em mágoa immerso,
um nada, um — BRAVO! — apenas te offereço
engastado na lamina d'um verso.

Crepusculo

Consentit astrum . . .

HORACIO.

A janella de Alice fica ao lado
do poente; de modo que á tardinha,
quando o sol do horisonte se avisinha,
vejo o céo duplamente illuminado:

brilha ao lado do sol seu rosto amado,
e o sol então (direis que é illusão minha!)
se a esconder-se tão rapido caminha,
é d'aquelle confronto envergonhado.

Horas de paz! Minh'alma se extasia
na volupia dos sonhos, e adormece
deslumbrada de amor e de poesia!...

Mas... fechou-se a janella; o sol fallece.
Ah! se foi para mim dobrado o dia,
duplamente pesada a noite desce!

Zumbi

Palmares! a ti meu grito!

C. ALVES.

COMPANHEIROS, venceu a tyrannia!
Convém que a morte eu corajoso affronte.›
Cala-se o negro: mana-lhe da fronte
o suor copioso da agonia.

Oh! Não era que entrasse a cobardia
no seu peito mais firme do que um monte;
era a raiva sómente: alli defronte,
dos algozes o bando apparecia!

Eis-te, leão africano, encurralado!
Oh! não! alçando um pavoroso brado,
arrojou-se da bronca penedia!

Emmudece de espanto a turba escrava...
E emquanto o negro heroico se abysmava,
da Liberdade o astro esmorecia!

Mal de muitas

(Campoamor)

POBRE Lelia! Tão moça e tão formosa...
Sabeis, caro doutor, de que morreo?
—Julgo que d'uma quéda desastrosa.
—Sim? E d'onde cahio?—Cahio do ceo!

Ás irmãs Virginia e Mathilde Sinay

Na noite do seu beneficio

SENHORAS, eu tambem na minha infancia
já tive uns *dôces sonhos que mentiam,*
devaneios pueris, extravagancia,
como os homens sensatos me diziam:
imaginai que eu tive amor á gloria,
e que cheguei, por elle desvairado,
a sonhar-me do templo da memoria
á cuspide elevado.

Ora, não vos riais!... que foi loucura
perfeitamente o sei; mas as crianças
fazem muito a miúde esta diabrura
que eu chamarei — *abuso de esperanças:*
lembro-me d'um collega (era um tal Nunes,
um devotado adorador da inercia)
que aspirava a dous cargos: bey de Tunes,
a não ser schah da Persia!

Muito não era, pois, eu crêr-me artista,
eu crêr-me *anche pittore.* O meu caminho
dizem que hoje acertei, hoje que a vista
tenho lá n'um longinquo pergaminho;
acreditai, porém, que no meu peito,
do que antes fui, do antigo toleirão,
guardo, como um *recuerdo,* inda perfeito
um traste: o coração.

. . . . .

E coração de artista. Eis porque ha pouco
ouvindo esse piano e esse violino,
recordei-me do tempo em que era louco,
chorei, lembrando os sonhos de menino.
E ao vêr essa corôa rutilante
que é para vós risonha realidade,
senti roçar-me n'alma a aza vibrante
e immensa da saudade.

Sois felizes, senhoras! Quando a gente
póde á vontade levantar o véo
que occulta o Bello, é quasi omnipotente,
tem á mão sempre um canto azul de céo.
Vós, acima das luctas da existencia,
oh! muito acima d'essas leis mesquinhas,
tendes hoje um poder na intelligencia:
artistas, sois rainhas!

Fizestes a mais nobre das conquistas:
a do imperio infinito do Ideal;
são soberanos todos os artistas
quando anima-os um sôpro genial.

Avante, pois! N'um caminhar fecundo,
mostrai que em vossas almas inda em flôr
ha os perfumes subtis do Novo Mundo
e os raios do Equador!

Lembrança e lembrança

CREIO que inda te lembres d'esses dias
cheios de tanto amor, de tanta crença;
mas dirás: «Foi um sonho!» e se em teus labios
um sorriso pairar, é a indifferença.

Eu me lembro tambem; mas suspirando
digo: «Ó cara illusão da mocidade!...»
E se ao dizel-o de meus olhos corre
uma lagrima ardente, é de saudade!

A Carlos Gomes

Na noite do seu beneficio

QUANDO, no mundo antigo, as ambições gigantes
arrojavam ao mar audazes navegantes
o globo a perlustrar do extremo norte ao sul,
na noite do mysterio um outro immenso mundo
jazia mergulhado; e n'um scismar profundo,
absorto contemplava o firmamento azul.

Esperava de lá a voz que o despertasse,
o dedo collossal que a senda lhe mostrasse
do eterno caminhar que á perfeição conduz.
E nada!... Percebia apenas, vagamente,
os astros na amplidão gyrando surdamente
e o sol, que lhe arrojava em turbilhões a luz.

O dia emfim raiou de gloria á humanidade:
tres vélas no horizonte, em plena immensidade
desdobram-se ao arfar da mansa viração.

Tres navios! só tres!... Arrojo sobrehumano!
Mas é seu conductor um genio soberano,
com a fronte abrazada em santa inspiração.

Ficou traçado então d'America o destino;
da velha e culta Europa um genio peregrino
vinha pisar-lhe o chão pela primeira vez:
—a luz do seu porvir, a gloria de seus filhos
deviam se medir pelos intensos brilhos
que aureolavam a fronte ao grande genovez!

Sim! A semente do genio
Deus n'America espargio!
Sobre este vasto proscenio
o germen da luz cahio!
E os velhos povos, pasmados,
vendo os vôos arrojados
do americano condor,
reconhecem lá, distante,
que é esta a próle gigante
do grande navegador!

E a aguia do Novo Mundo
vôa aos montes do porvir
para o seu ninho fecundo
de gigantes construir.
E quando, sempre subindo,
vê que a terra vae fugindo
das brumas por entre o véo,

se alguem brada: «Que procuras?»
responde lá das alturas:
«Sou astro, procuro o céo!»

E subimos sempre! Ao Norte
mil grandiosas invenções
produz uma raça forte,
de ardentes aspirações:
foi lá que o vapor primeiro
como um hymno prazenteiro
silvando, o echo acordou;
foi de lá que n'um abraço
o telegrapho n'um laço
a todo o mundo estreitou.

E aqui no Sul, se os inventos
não inscrevemos na historia,
temos os grandes talentos,
obreiros da nossa gloria:
aqui são os genios d'arte
que brilham em toda parte
no meio de acclamações:
são homens que honram o mundo,
e cujo craneo fecundo
têm lavas, como os volcões!

E entre esses famosos nomes,
como um brilhante phanal,
fulgura o de Carlos Gomes,

nosso orgulho nacional:
é o genio da nossa terra!
das bellezas que ella encerra
o sublime traductor;
é a nossa mais pura estrella,
a nossa gloria mais bella,
o nosso maior cantor!

Martyr obscura

POBRE mulher! Que extremos de ternura
tinha n'aquelle coração magoado!
Desventurada e meiga creatura!
Immenso amor, tão mal recompensado!

Muito amava ao traidor!... Se elle voltando
mais uma vez dissesse-lhe: «Perdôa!»
inda a triste beijára soluçando
essa mão desleal que apunhalou-a!

E partindo de um'alma tão sublime,
qual baptismo lustral, esse perdão
talvez pudesse resgatar-lhe o crime
e furtal-o á terrivel punição.

Quantas vezes o braço formidando
da divina Justiça esteve alçado!
Desarmaste-o tu só, mulher, chorando
teu pranto redemptor sobre o culpado!

Quantas vezes o raio que calcina,
que nivéla, que arraza e que incendêa,
pairou sobre essa fronte libertina
prompto a quebral-a como um grão de arêa!

Alçada entre o Juiz e o criminoso
só tu sustinhas a divina mão:
para o crime ferir fôra forçoso
traspassar á innocencia o coração...

Mas vendo a Morte erguida uma barreira
entre o precíto e o gladio vingador,
desfel-a: foi a Morte justiceira!
e tu, foste uma victima do amor!

No anniversario

Da sagração do Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio de Macedo Costa

(Recitada pelo autor em presença do egregio Prelado, ao saudal-o em nome dos estudantes da Escola Normal)

Quel cœur pour les agneaux! Quel bras contre les loups!

L. VEUILLOT.

ANNOS vão já, Senhor, que na orphandade
chorava esta Provincia, onde a Verdade,
— vacillante pharol —,
os derradeiros raios desferia,
e em trémulos lampejos se extinguia
qual moribundo sol.

O vendaval raivoso da impiedade
açoitava essa tenue claridade
prestes a se apagar;

e das trevas no horror se avisinhava
negro bando de lobos que buscava
no aprisco penetrar.

Quando, zunindo, uma rajada fria
d'essa horrivel, sinistra ventania
a luz quasi apagou,
ao redil sem pastor o infame bando
cheio de odio arremetteu uivando
e n'elle penetrou.

Desgraça! Penetrou, quando o rebanho,
sem suspeitar sequer um mal tamanho,
dormia em santa paz!...
Corre em jorros o sangue do innocente...
Que mortandade! E não está contente
ainda o rancho audaz!

E das bestas crueis, sanguisedentes
veem-se apenas os pellos reluzentes
por entre a escuridão...
E os olhos fulvos a pedir destroços,
e as alvas prezas triturando os ossos...
o horror! a assolação!

Oh! Que immensa hecatombe! Que desgraça!
Eis que um bando de abutres esvoaça
tambem sobre o curral!

Sentio sangue, cheirou carnificina,
e vem unir-se á multidão canina
com fome de chacal!...

O demonio, no mal, tambem delira:
com o genio do artista que se inspira
n'um soberbo ideal,
sabe elle combinar tão negras côres,
sabe juntar n'um só tantos horrores,
que o mal excede o mal!

Por isso em meio da sangrenta scena,
quando o lobo tornava-se em hyena,
hediondo e feroz,
os cordeiros em lobos se tornavam,
e o resto do rebanho devoravam
com appetite atroz!

Da Verdade, no emtanto, a luz tão linda,
a luz tão pura, refulgia ainda
contra a sombra a lutar;
mas era a luz a esclarecer torpezas,
mas era a luz a revelar cruezas,
era a luz a chorar!

Já do aprisco de Deus poucos restavam,
e as féras inda as prezas aguçavam...
oh! Quem os salvará?!...

Que pastor haverá tão forte e ousado?
Qual será esse heróe predestinado?!
Acaso existirá?...

E se existe, onde pára? Onde encontral-o?
Mas Deus quer triumphar, e vae buscal-o,
vae mostrar seu amor:
e desdobrando o formidavel braço,
e mergulhando a mão no ethereo espaço,
vos trouxe aqui, Senhor!

Deus vos trouxe, e comvosco veio a gloria:
pois desde então os louros da victoria
foram sempre da Cruz.
Se torna o inferno em lobos os cordeiros,
vós transformaes os lobos carniceiros
em filhos de JESUS.

Veio comvosco o reino da Verdade,
o suave esplendor da caridade,
a scentelha da fé;
fostes o brilho da tribuna augusta:
vossa eloquencia mascula e robusta
resuscitou Bossuet.

Depois, o povo em meio da procella
vio-vos sereno a contemplar a estrella
que vos guia do ceo:

vio-vos posto em ergástulos sombrios,
affrontando os humanos desvarios;
mas, por fim, quem venceo?

Vencestes vós, amparo da innocencia!
Vencestes vós, refugio da indigencia!
Valoroso pastor!
Venceu vossa firmeza inquebrantavel,
venceu vossa esperança inabalavel
e o vosso immenso amor!

. . . . . .

Vae ainda ardentissima a peleja:
as picaretas vibram contra a Egreja,
e a rocha está de pé:
porém da pedra, que resiste ao ferro,
brota o raio de Deus, que abate o erro,
na faisca da fé!

O baile

Elle aimait trop le bal, c'est ce qui l'a tuée.

V. HUGO.

GYRAM os pares céleres; parece
que um genio entorna n'este claro ambiente,
de formosa caçoila transparente,
algum philtro que as dôres adormece.

Das proprias mágoas cada qual se esquece:
todos se lançam na febril torrente,
tudo é riso e prazer; a mim sómente
tanta extranha alegria me entristece!

Talvez lembrança de passadas dôres,
talvez! pois vem-me á idéa essa Dolôres
que walsando encontrei n'um baile um dia....

E depois... Inda as luzes crepitavam,
inda os échos da orchestra resoavam,
e ella — triste de mim! — já não vivia!

Á cantora Goré

Recitada por um menino ao entregar-lhe um ramilhete de flôres naturaes

Á tua Italia tão bella,
terra de tanto esplendor,
leva comtigo estas flôres
filhas do sol do Equador.

E quando murchas, sem vida,
ao menos te lembrarão
que um dia, de um povo inteiro
reinaste no coração.

Lenda antiga

A MARQUES DE CARVALHO

CONTA uma lenda singela
de tempos que longe vão,
que n'uma pobre capella
vivia um pobre ermitão
aos pés de uma benta imagem
na mais piedosa oração.

Cegou, por desgraça; e o demo
empenhado em o tentar,
vendo-o cégo — ardil supremo! —
tirou a imagem do altar,
e poz um idolo torpe
no seu sagrado logar.

E orava o santo eremita...
Mas quando a vista cobrou,
vendo a figura maldita

perante a qual se dobrou
seu penitente joelho,
não poude ter-se: chorou!

Depois, idolo quebrando
e altar, em zelo abrazado,
e sobre o caso pensando
«—Ao menos» diz consolado,
«o altar que eu tenho em meu peito
«não foi jamais profanado!»

Tenho um altar em minh'alma
como o lendario ermitão:
a tormenta enfurecida
das contingencias da vida
não chega a esse asylo. Oh! não!

Guardo-o puro; se algum dia
curvei-me á estatua do mal,
não foi crime, foi cegueira:
a adoração verdadeira
era só tua, Ideal!

Desejo impossivel

SABES qual o poder que eu preferira
a todo outro poder?
Era em teu coração, como n'um livro,
n'um livro aberto, lêr.

E depois de ter lido, resumindo
n'esse instante fatal todo o meu ser,
morrer de gozo por me vêr amado,
ou morrer de pezar por não me vêr.

Serpe e flôr

AQUELLE amor que a noite da cegueira
engendrou por meu mal,
foi serpe vil que envenenou-me o peito
com seu virus lethal.

Este, que revocou de novo á vida
os mortos sonhos meus,
era uma flôr desabrochada aos raios
do grande olhar de Deus.

No emtanto a lei do meu destino ingrato
em seu cruel rigor,
assim o quiz: *acalentei-te, ó serpe!*
E hei de esmagar-te, ó flôr!

O condemnado

RECLINA, minha flôr teu rosto lindo
«sobre meu peito: não sentiste n'elle
«extranha agitação?
«Sabes, sabes o pobre que se estorce?
«É o coração!

«Chega-te mais! Oh! mais! Acaso sentes
«crepitando no fundo d'esse abysmo
«um fogo abrazador?
«Sentes, sentes a chamma que me queima?
«É o amor!

«Escuta! E lá n'aquellas profundezas
«não ouviste uma voz que n'um rugido
«mil cóleras resume?
«Não te assustes, Elisa: aquelle inferno
«é o ciume!

«Sabes o condemnado que lá pena?
«Sabes? Mas... dize, não sentiste agora
«que meu corpo tremeu?
«Não fujas, meu amor: o condemnado
«sou eu!...»

No templo

NAS abobadas vastas, retumbantes,
do sagrado instrumento os sons gemiam,
e lançando scentelhas deslumbrantes
os grandes cyrios pallidos ardiam.

Pelos corynthios capiteis dourados
cahia a luz em jorros diamantinos,
e do thurib'lo, em flocos azulados,
subia o incenso aos páramos divinos.

Multidão de fieis na immensa nave
inclinava-se humilde e reverente,
e de orações um murmurar suave
se elevava ao SENHOR confusamente.

Eu podia julgar que já me achava
a luz da gloria eterna contemplando;
para a illusão um anjo só faltava:
mas n'isto me voltei, e... vi-te orando.

E ao pensar que do empyreo tu baixavas
para a vida de dôr que reina aqui,
quando talvez por outro a Deus oravas
eu tambem me curvei, e orei por ti.

A dúvida

D'UM lado — sim — d'outro — não;
aqui a luz, além trevas.
— Quero! — brada o Coração.
— Sobre mim — torna a Razão
tu a victoria não levas.

E raivosos, n'um momento
travam luta os dois rivaes:
a espada do pensamento
e o punhal do sentimento
desferem golpes mortaes.

Mas entre ambos collocado
como escudo, o nosso ser,
é quem, o pleito acabado,
de muitos golpes varado
cáe sobre a arena a morrer.

E n'essa lenta agonia
que acompanha a prostração,
vem a dúvida sombria
pairar sobre o coração.

E esse monstro horrendo, informe,
se em noss'alma faz guarida,
é como um vampyro enorme
que morde... e sopra a ferida!

No anniversario natalicio

Do Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio de Macedo Costa

SENHOR! Quando da vossa caridade
o ardor contemplo, e vejo que passando
os annos vão fugazes, estampando
em vossa fronte as cãs proprias da edade,

julgo que o tempo triumphar não ha de
contra vós; pois se o corpo vae tombando,
vae vossa alma sublime remontando
quanto mais se approxima á eternidade!

Dêmos, pois, expansão ás alegrias:
pódem vôar impunemente os dias,
não envelhecereis, caro pastor!

Se á vossa fronte o tempo atira o gêlo,
no vosso peito Deus, para aquecel-o,
accende o fogo do divino amor!

Pará e Brazil

A PHILOMENA SAVIO

ARTISTA! Quando um dia á Europa regressares
coberta dos laureis que dá-te a multidão,
dize por onde quer que o nome teu levares,
que aqui, no meu Brazil, na terra dos palmares,
tem o talento um preito e a arte uma ovação.

Attesta ao teu paiz, a Russia austera e fria
que tambem nas regiões do cálido Equador,
onde é mais negra a noite e mais brilhante o dia,
sabe o povo se erguer á voz da sympathia,
sabe ser grande e rei, nas expansões do amor.

E então, se da saudade a dôr serena e mansa
um momento agitar teu coração gentil,
guarda unidos no peito e unidos na lembrança,
como um sonho de gloria e um hymno de esperança,
o nome do — PARÁ — e o nome do — BRAZIL.

Si eu podésse!...

Si eu podésse!... Ai! Si eu podésse,
qual ave que corta os ares,
atravessar estes mares,
transportar-me além... além...
visitaria essas plagas
onde minh'alma saudosa
vê inda a imagem formosa
dos gozos que já não tem!

Iria áquellas paragens
banhadas de um sol brilhante,
lá onde eu, alegre infante,
passei a vida a sorrir;
e sob a copa frondosa
da laranjeira florida
iria, esquecendo a vida
o somno eterno dormir!

Si eu podésse!... Ai! Si eu podésse
voltar de novo á esperança,

das flôres á semelhança
que o orvalho faz reviver...
á semelhança de Lazaro,
a quem JESUS tanto amára,
que da terra, mãe avara,
o fez outra vez nascer!

Si eu podésse!... Ai! Si eu podésse
encontrar o que procuro:
um amor sincero e puro
n'um coração de mulher!
Amor immenso, poetico,
amor ideal, profundo,
amor que não tem o mundo
nem sabe comprehender!...

Si eu podésse... Ai! Nada posso!
A minha sorte me ordena
que viva qual Magdalena
chorando aos pés de JESUS.
Cumpra-se, pois, meu fadario,
embora cruel e vario:
ao cimo do meu calvario
hei de levar minha cruz!

Um perdão generoso

QUANDO meu corpo descançar um dia
á sombra do cypreste,
tu remorsos talvez terás do muito
que soffrer me fizeste.

Has de lembrar o quanto eu te queria,
o quanto te adorei...
chamarás por meu nome: estarei mudo,
não te responderei!

Se tu leres então estas palavras
que eu chorando escrevi,
sabe, ao menos, que a morte me foi grata
por ser dada por ti.

E sabe ainda que ao alçar minh'alma
o derradeiro vôo,
foi a ultima frase de meus labios:
« — Criança, eu te perdôo! »

Mudança de lettra

A UM SANDEU

A sorte colheu a palma
do mais bem feito anagramma:
emquanto aos outros deu *alma*
a ti sómente deu *lama.*

Direito contra direito

Facit indignatio versus . . .

JUVENAL.

Tens o direito de descer, convenho!
tens o direito mesmo de tisnar-te!
Mas forçoso é convir que eu tambem tenho
o direito de rir-me, e desprezar-te!

A uma cantora

O magico pintor, que combinando as côres,
dá vida ao seu pensar e applausos mil conquista,
passa illeso ao porvir: as gerações futuras
pódem medir na téla a inspiração do artista.

O estatuario audaz, que em marmore ou em bronze,
os vôos do seu genio aos posteros attesta,
já não póde morrer: se o corpo cáe desfeito,
o bronze inda perdura, o marmore inda resta.

O poeta immortal, da humanidade assombro,
— meteóro que passou no azul do firmamento —
deixa um rastro de luz indestructivel, grande,
nas paginas do livro — eterno monumento.

Sómente para vós, cantores, o destino
quiz fechar do futuro a magestosa porta:
quando o accento final da vossa voz expira
já não tendes porvir: a vossa gloria é morta!

A vossa gloria é fumo! É nada!... Mas, que digo?
Podéra um brilho assim ephemero ser gloria?
Ah! Não! Sei que ella vive, e fulgurante, e enorme,
nas paginas d'um livro — *o livro da memoria!*

N'elle inscrevemos hoje o vosso nome, artista!
O vosso nome só, maior que uma epopéa!
E embora vos arraste a sorte a longes plagas,
vós aqui ficareis, vivendo em nossa idéa.

A passagem de Venus

Publicada pelo *Diario de Belem*, por occasião do phenomeno

Ó pais! Ó mãis! em nome da decencia
escutae um conselho:
fechae vossas janellas.
Não consintaes que as candidas donzellas,
emblemas de innocencia
e de virtude espelho,
vejam passar a adultera consorte
do coitadinho celebre Vulcano,
pela face do Sol meridiano.

Eu já me explico: ouvi dizer que este anno
o deus da guerra, o Marte
por um prodigio d'arte
conseguio esconder-se atraz do Sol;
e quando a antiga amante,
por quem curte saudades,
vier passando toda fulgurante,

elle sáe do escondrijo, e com certeza
desvairado de amor ante a belleza
da impudica pagã,
promove alguma scena
que a minha pobre penna,
cheia de pudicicia,
não descreve... com medo da policia!

Ó pais! Ó mãis! em nome da decencia
escutae meu conselho!
Preciso é que tenhaes muito cuidado:
aquelle desalmado,
o tal Marte, tratando-se de amor,
perde todo o pudor...
e depois, vós sabeis que elle é soldado.

Não desprezeis, portanto, o meu conselho.
Sabei tambem que o celebre fedelho
a quem chamam Cupido,
anda ás saias da mãe sempre agarrado,
e hoje tambem virá desaforado,
e muito decidido
a frechar-vos a torto e a direito...
Donzellas! ante a mãe vendae os olhos,
perante o filho... encouraçae o peito!

A Santa Helena Magno

No anniversario de sua morte

QUEBRA o duro lethargo em que resomnas,
ruge em teu leito, ó turbido Amazonas!
Expande a tua dôr!
É grande, é rude o golpe que provaste:
já não vive o gigante que geraste,
é morto o teu cantor!

Inda ha pouco na lyra sonorosa
elle entoava estrophes côr de rosa,
reverberos do céo.
E esvaíram-se os cantos peregrinos!
e hoje involve-se a musa de seus hymnos
de crepe em denso véo!

Quem o prostrou? N'alguma estrella errante
talvez ferisse a fronte delirante
pallida de soffrer!
E o corpo desabou d'aquella altura
ás profundezas de uma sepultura
para não mais se erguer.

Dorme agora, ó poeta!... Aqui na terra,
o desgraçado cuja mente encerra
a luz da inspiração,
tem sempre a dôr em recompensa, emquanto
o mundo, que escarnece do seu pranto,
lhe esmaga o coração.

Passa, e não é dos homens comprehendido;
mas, quando de um sepulcro, ermo, esquecido,
vae a sombra buscar,
póde ao menos dormir tranquillamente,
póde ao menos amar sem ser descrente,
póde ao menos sonhar!

Mas tu foste feliz! Os que te amaram,
te pranteiam ainda. Os que escutaram
teus cantos immortaes,
guardam de ti gratissima memoria,
e quanto o mundo te roubou de gloria
dão-te em amor, que é mais!

Si eu soubesse escrever!...

(Campoamor)

ESCREVEI-ME uma carta, senhor cura.
—Já sei a quem. — Pois que?!
Sabeis? Então n'aquella noite escura
nos vistes...—Já se vê.

—Perdoai! Mas...—Desculpo esse desvio:
a noite, a occasião...
Dai-me penna e papel; bem! Principío:
Meu querido João.

—Querido? Emfim, como já escripto esteja...
—Si não quereis...—Sim! Sim!
—*Como estou triste*... É isto?—Vá que seja.
... sem ti. Pobre de mim!

Ao começar me vem uma lembrança...
—Como sabeis meu mal?!
—Para um velho tem sempre uma criança
o peito de crystal.

Sem ti, é o mundo um valle de amargura,
e comtigo um Edén...
—Fazei a lettra clara, senhor cura;
que elle entenda isso bem!

—*O beijo que no instante da partida*
te dei...—Como sabeis?!
—Ora, entre noivos... sempre... á despedida...
Oh! não vos perturbeis!

Se tornar teu affecto não procura
eu tanto hei de soffrer...
—Soffrer, e nada mais? Não, senhor cura:
dizei antes—*morrer!*

—Morrer? Deus não permitta, que é offendel-o!
—Mas é, senhor, *morrer!*
—Eu não ponho *morrer.*—Que homem de gêlo!
Quem me déra escrever!...

Senhor, senhor reitor! Inutilmente
me quereis comprazer
se não incarna vossa mão tremente
todo o ser de meu ser!

Oh! Dizei-lhe que esta alma delirante
já em mim não quer estar.
Que o pezar não me affoga a todo instante
porque posso chorar!

Que os labios meus, a flôr do seu alento,
já não sabem abrir:
esqueceram do riso o movimento,
a força de sentir.

Que os olhos, que elle diz do sol inveja,
nublados de afflicção,
não tendo já quem n'elles se reveja
cerrados sempre estão.

Que é, de quantos tormentos hei soffrido,
a ausencia o mais atroz;
e que é um sonho perpetuo d'este ouvido
o som da sua voz.

Mas, que sendo elle a causa, esta agonia
converte-se em prazer.
Oh! Deus meu! Quantas cousas lhe diria
si eu soubesse escrever!...

O Supremo Artista

QUANDO, ao tufão da dôr, noss'alma em agonia
como uma flôr se dobra ao furibundo açoite,
e lançamos o olhar á vastidão sombria,
vendo em torno, a crescer, a escuridão da noite—
por entre a cerração, no meio dos escolhos,
qual nave que á mercê, desarvorada vae,
como é bom, como é dôce, alçar ao céo os olhos
e dizer: «Deus é Pae!»

Porém, ás scenas mil da sabia natureza,
aos seus grandes paineis, não ha ninguem que assista,
e não clame arroubado ante a immortal belleza:
«Deus é o Supremo Artista!

Sente-se a resoar nos ámbitos do mundo
como que um turbilhão de musicas disperso;
nas entranhas da terra ha um concerto profundo:
pulsa nas mãos de Deus a lyra do universo!

Quatorze annos

QUATORZE rosas purpurinas, bellas,
adornam-lhe a grinalda perfumosa
da placida existencia. Quando a aurora
d'este dia faustoso apavonar-se
no rubido horizonte, e a luz suave
do sol nascente derramar-se em ondas
pelos montes e vales; quando as aves
de ramo em ramo saltitando alegres
acordarem os échos da floresta
com hymnos de prazer; quando as campinas,
esmaltadas de relva seductora,
aos olhos da natura deslumbrada
ostentarem myriadas de flôres
recentemente abertas — ha de a rosa,
a ultima da candida grinalda,
desabrochar tambem, grato perfume
cheia de galas repartindo aos ares.

Eu te saúdo, ó sol resplandecente
do anniversario d'*ella!* No teu rosto
affogueado e bom, eu julgo ainda
distinguir os vestigios do sorriso

complacente e feliz que n'esse dia
tu deveras sorrir, vendo-a no berço
recemnascida e bella! Dos teus raios
tu lhe enviaste a saudação n'um beijo
e disseste talvez:

O SOL

«Nunca, em meu gyro,
mais formoso botão desabrochado
encontrei nos jardins; nunca o meu rosto
um rosto d'anjo mais formoso e puro
illuminou na terra! Astros do espaço,
contemplai-a e luzi! Aves dos ares,
festejai-a e cantai! Flôres da terra,
invejai-a e sorri!»

E os astros todos
que brilham no infinito; as aves lindas
que cruzam pelo céo; as bellas flôres
que adornam os jardins—n'um hymno, alegres,
responderam talvez:

AS ESTRELLAS

Formoso anjinho!
Cada mortal no céo tem uma estrella
que a sorte lhe preside; entre nós todas
escolhe: a mais formosa, a mais brilhante,
a mais feliz, é tua! Assim teus dias
hão de correr serenos, venturosos,
como as aguas do trépido regato
que, no seio da mata inexplorada,
sobre arêa e crystaes manso deslisa.

Sê feliz! Sê feliz! Entre nós todas,
escolhe: a mais formosa, a mais brilhante,
a mais ditosa, é tua!
E logo as flôres
murmuraram tambem:

AS FLÔRES

«Dorme, criança,
dorme archanjo do céo, baixado á terra
n'um extasis de amor! Queres perfumes?
Em nosso seio o tens. Queres extremos?
Te idolatram teus paes. Queres belleza?
Em ti mesma a possues. A estrella d'alva
mais formosa não é, quando no espaço
seu clarão suavissimo derrama.
Que mais desejas pois? Dorme, criança!
Dorme, archanjo do céo, baixado á terra
n'um extasis de amor!»
E a alada turba
dos cantores do bosque, em côro alegre,
tambem descanta:

AS AVES

«Colibri dourado
dos vergeis do Senhor! Como vieste
n'este mundo pousar? A tempestade
acaso derribou-te do teu ninho
construido no azul? Pobre avesinha!
Se pódem nossos cantos maviosos
acalentar-te o somno, dorme e sonha
com tua patria etherea! E como o orvalho

que dos jardins as flôres aviventa,
as bençãos do Senhor cáiam perennes
sobre a tua cabeça!»

Hymno festivo
ergueu-te assim a natureza inteira,
quando das mãos do Creador surgiste
serena, immaculada!
Oh! se eu podéra
tambem meu canto unira, n'esse dia,
á saudação das lucidas espheras,
das flôres e das aves! Mas a sorte
assim não quiz: desafinada nota
não quebrou do concerto magestoso
a esplendida harmonia. Emfim, agora,
vejo-te, e as graças divinaes cresceram
em ti a par dos annos. A innocencia
que a fronte te circunda em luz suave,
só a mesma inda é, mais realçada
pelos dotes do espirito sublime,
e do talento aos fulgurantes raios.

Escuta, pois, agora, agora ao menos,
meu canto humilde e rude. Das florinhas
elle não tem o delicado aroma,
nem das aves a grata melodia,
nem a luz das estrellas scintillantes;
meu canto é pobre, eu sei: porém se a relva
não póde, como a flôr, servir de adorno
aos cabellos da virgem, póde ao menos
aos pés mimosos lhe servir de alfombra.

Amor amore...

(Resposta no verso de um cartão)

O teu desdem, bella ingrata
foi agua na minha chamma:
perdôo a quem me maltrata;
mas só amo... a quem me ama!

Á Patria!

Á Patria o nosso amor do íntimo peito!
Á Patria o nosso affecto mais profundo!
Que seja muito amada, é o seu direito:
amemol-a, é um dever grato e fecundo.
De limites transpondo o espaço estreito,
erga-se o nome seu perante o mundo!
Levantemol-a, assim, cheia de brilhos:
pois é a gloria das mães o amor dos filhos.

Dêmos á Patria a nossa actividade
depois do nosso amor; seja a grandeza,
depois da gloria sua e liberdade,
nossa mais bella e peregrina empreza.
Coroemol-a em face á humanidade:
depois de mãe, façamol-a princeza!
Vinculem nossos filhos na memoria,
o paterno labor, e a patria gloria.

Sim! Quando um dia os rasgos de civismo
forem muitos na terra brazileira,
quando do povo o ardente patriotismo
fôr a virtude mascula e primeira,

quando o anceio da gloria e do heroismo
pulsar no peito da nação inteira,
— em luta embora contra a propria morte,
tu, meu caro Brazil, tu serás forte!

Quando n'esta região, por toda parte
fizer ouvir-se do trabalho a orchestra,
quando contra a miseria um baluarte
fôr a officina, e do operario a déstra,
quando virmos brotar prodigios d'arte
do fulgor da sciencia, a grande mestra,
então, como um gigante que se expande,
tu, meu caro Brazil, tu serás grande!

Resurreição

A UM PATRIOTA

RESUSCITA o Brazil! Em seu robusto peito,
a vida se renova, o coração se agita;
e eleva-se de novo o imperio do Direito,
firmado na Razão, a misera proscripta!

Sim, proscripta! Ella o foi por essa grey bastarda
que escalára o poder repleta de cubiça,
e ao povo apresentava a bôca da espingarda
quando o povo, a morrer, clamava por justiça!

Da Liberdade o sol, que acalentou no berço
o mundo de Colombo, a terra americana,
jubiloso, porém, resurge em luz immerso,
e a crença no porvir renasce soberana.

Illustre cidadão! Quando o Brazil morria
sob os golpes crueis de um ferreo despotismo,
tu correste a amparar a Patria que cahia,
e a Patria se salvou dos vórtices do abysmo.

Agora, que depois de luta grande e santa,
a mancha se apagou da brazileira historia,
é justo: o nome teu co'a Patria se alevanta,
a fulgurar de luz, a refulgir de gloria!

Celeste Esperança!...

JUNTO ao berço do filho
mãe extremosa estava,
e em muda adoração o contemplava.
Nos seus olhos o dôce e puro brilho
da ternura e do amor, dupla armadura
que da mulher o coração reveste,
como scintillação de luz celeste,
quasi a transfigurava.

E emquanto o loiro cherubim sorria
no seu dormir immerso,
o anjo, a mãe que lhe velava o berço
comsigo reflectia:

«Ai! Quem me dera levantar a ponta
do véo espesso, escuro,
que dos mortaes aos olhos curiosos
os arcanos occulta do futuro...
Filho do meu amor! Anjo querido
apenas protegido
do grande olhar de Deus!

O que será de ti quando sósinho
te encontrares da vida no caminho
longe dos braços meus!

Filho do pobre povo a quem a sorte
só provações envia,
tu, que possues de teu sómente um nome,
quem sabe se da fome
has de a tortura supportar um dia!
Quem sabe se virá bem cedo a morte
a me levar comsigo... e da miseria
as exigencias cruas
te obrigarão ainda em tenra edade
a estender a mãosinha á caridade
por essas longas ruas!

Depois... talvez... horrífica lembrança!
não sabendo curvar-te do trabalho
á lei austera e rude,
deixarás, minha candida criança,
pelo do vicio tenebroso atalho
a senda da virtude!...

Meu Deus! Meu Deus! Protege o innocentinho
com teu olhar celeste!
Tu, que vestes o proprio lirio agreste
e alimentas o pobre passarinho!...»

Chorava a afflicta mãe, beijando o filho;
mas Deus lhe ouvio a prece:

sobre a sua alma attribulada, inquieta,
um raio de luz desce.
Sem que saiba porque, sorrindo exulta;
como o sol entre as nuvens apparece
e as brumas afugenta
á proporção que no horizonte avulta,
tal em seu peito a confiança augmenta,
e a mágoa se esvaece.

É que n'esse momento um bello archanjo,
todo resplandecente,
baixára lá do céo, como uma estrella,
ao berço do innocente.
No seu olhar de luz brilhava um misto
de alegria, de amor, e de doçura:
era bella a celeste creatura
como o sorriso divinal do CHRISTO!

Ella sómente ao coração materno
n'um afago dos seus déra a bonança...
Tinha um nome sublime, um nome eterno:
chamava-se — A ESPERANÇA.

sobre a sua alma attribulada, inquieta,
um raio de luz doce.
Sem que saiba porque, sorrindo exulta;
como o sol entre as nuvens apparece
e as brumas afugenta
á proporção que no horizonte avulta,
tal em seu peito a confiança augmenta,
e a magoa se evanece.

E que n'esse momento um bello archanjo,
todo resplandecente,
baixára lá do céo, como uma estrella,
ao berço do innocente.
No seu olhar de luz brilhava um misto
de alegria, de amor, e de doçura:
era bella a celeste creatura
como o sorriso divinal do CHRISTO!

Ella sómente ao coração materno
num afago dos seus dóra a bonança...
Tinha um nome sublime, um nome eterno:
chamava-se — A ESPERANÇA.

O que te devo

A ti devo-te a aurora que me encanta,
a ti devo-te o ésto que me inspira;
devo-te a vibração profunda e santa
que palpita nas cordas d'esta lyra.
Se de novo em minh'alma um sonho vaga,
e vive a crença que eu julgava morta,
devo-t'o ao teu sorrir que me embriaga!
Devo-t'o ao teu olhar que me transporta!

Sem ver-te!

Como tem sido longos estes dias
que hei passado sem ver-te, amada minha!
Fugiram de meu peito as alegrias,
e a saudade cruel n'elle se aninha.

Saudade só! E amarga, atroz, profunda,
que de meu ser inteiro se apodera,
que de visões sinistras me circunda,
que espedaça, que esmaga e dilacera!

Ás vezes ainda julgo-te ao meu lado,
julgo escutar teu magico piano,
julgo vêr teu semblante immaculado,
julgo que me sorris... e é tudo engano!

Tudo é pura illusão! Estás distante!
E emquanto entregue ao meu penar sem fim
eu suspiro saudoso e delirante,
tu, quem sabe se lembras-te de mim!...

Sem ver-te!

Como tem sido longos estes dias
que há passado sem ver-te, amada minha!
Fugiram de meu peito as alegrias,
e a saudade cruel nelle se aninha.

Saudade só! E amargas ancias, profunda,
que de meu ser invade a cada hora,
que de visões sinistras me circunda,
que especiaes que cansam e chaceral

Ás vezes ainda julgo-te ao meu lado,
julgo escutar teu magico fallar,
julgo vêr tua sorridente immaculada,
julgo que me sorris... e é tudo engano!

Tudo é puro illusão! Estás distante!
E emquanto entrego ao meu pensar sem fim
ou suspiro saudoso e delirante,
tu, quem sabe se lembras-te de mim!...

Eterno sonho

(De Campoamor)

Dos sonhos na cadêa a que me prendo,
assim da vida as horas vou passando:
quando junto de ti, sonho te vendo,
quando distante, vejo-te sonhando.

A caminho!

DADE amanhã, no mesmo firmamento,
brilhar o mesmo sol que ora sorrí;
haverá vida, riso e movimento:
só eu, triste romeiro de um momento,
não estarei aqui!

Longe, longe serei! Me impelle o braço
do destino cruel com que nasci...
Algum laço formei? Rompa-se o laço!...
Ah! Quando o mesmo sol brilhar no espaço,
longe estarei d'aqui!...

A caminho!

QUE amanhã, no mesmo firmamento,
brilhar o mesmo sol que ora sorri:
haverá vida, riso e movimento:
só eu, triste tomeiro de um momento,
não estarei aqui!

Longe, longe serei! Ale impello o braço
do destino cruel com que nasci
Algum laço formei? Rompi-se o laço!...
Ah! Quando o mesmo sol brilhar no espaço,
longe estarei d'aqui!...

Sursum corda!

EM teus olhos a morte esvoaça...
Tens na fronte o sigillo fatal!....
—A quem coube em partilha a desgraça
é bem dôce dormir afinal!

—E os medonhos fantasmas funereos?
E os terrores da grande jornada?
—É o cortejo dos santos mysterios...
rompe as trevas a luz da alvorada!

—Desditoso na vida quem erra
á mercê do tremendo escarcéo!
—Quando morre a esperança na terra,
tem mais vida a esperança do céo!

Hymnos e canticos

(Lettras para musica)

Hymnos e cantigas

Letras para músicas

Hymno da Sociedade Santa Cecilia

(Musica do Maestro Enrico Bernardi)

SUPPLICA

O'ESSE olhar ante o brilho materno
O soffrer como um sonho se esvae:
Eia! Ó filha dilecta do Eterno,
Para nós vossos olhos lançae!

Começamos agora um trabalho
De esperança, de paz e de amor:
Oh! Mandae-nos do céo brando orvalho!
Não deixeis que feneça esta flôr!

Concedei que possamos pujantes,
Animados á luz d'esse olhar,
Entoando os mais bellos descantes
Vossa gloria sublime exaltar!

ADHESÃO

Á esphera crystalina
Subio vosso clamor:
Já meu olhar se inclina
A vós cheio de amor!

Como a oração tão santa
O coração fechar?
A caridade encanta:
A lei de Deus é amar!

HYMNO

Ó prazer! O gloria! Aonde
Mais seguro auxilio achar?
Esta voz que nos responde
Vem do céo, não póde errar.

Quem promessa tal escuta
Póde o campo abandonar?
Nunca! Avante, pois! Á luta!
Voz do céo nos diz: marchar!

Já da vida os amargores
Nós podemos consolar!
Vamos todos colher flores
E da Santa aos pés lançar!

Hymno do Estudo

(Musica do Maestro Theodoro Orestes)

AVANTE! A nossa divisa
já dissipa a escuridão!
A Patria de luz precisa:
dêmos-lhe a luz da instrucção!

Na hora das grandes lutas
Deus quer as grandes acções,
e do esforço de seus filhos
surge a gloria das nações.

Pois bem! Se a Patria confia
em nosso esforço infantil,
que seja a nossa divisa
cobrir de gloria o Brazil!

Avante, pois! Caminhemos
ás batalhas da instrucção:
a luz em vez do exterminio,
a penna em vez do canhão.

E se acaso houver vencidos
n'esses combates do bem,
é vasto o manto da gloria
para involvel-os tambem!

Hymno do Club Patroni, abolicionista

(Musica do Maestro Roberto de Barros)

QUEMOS nós, a phalange dos livres,
um duello de morte a travar.
Já nos chama ao combate a victoria.
Avançar! Avançar! Avançar!

CÔRO

Liberdade! — eis a nossa divisa.
Egualdade! — eis o nosso brazão.
E brandimos tres armas terriveis:
a Verdade, o Direito, a Razão!

Nós queremos que os homens unidos
n'um abraço de paz e de amor,
reconheçam que IRMÃOS somos todos,
e que DEUS tão sómente é SENHOR!

Nós queremos banhar nos fulgores
que jorraram dos braço da cruz,
tantos entes que vivem sem vida,
tantas almas que existem sem luz.

Oh! Bem haja quem corre as fileiras
da invencivel phalange a engrossar!
Já nos chama ao combate a victoria...
Avançar! Avançar! Avançar!

Cantico escolar

(Musica de E. Bernardi)

PARA O COMEÇO DAS AULAS

O trabalho é lei divina.
Eia, irmãos! a trabalhar!
Lei que a terra nos ensina,
Lei que o céo nos manda amar.

Santo e dôce mandamento!
Soffra a inércia atroz labéo:
Tudo é vida e movimento,
Quer na terra, quer no céo.

PARA O ENCERRAMENTO DAS AULAS

Sôa a hora do descanço.
Eia! alegres a folgar!
Quem ganhou no estudo avanço
Tem direito a repousar.

D'essa tregua appetecida
Surja a mente mais louçã:
Novo esforço e nova lida
Guarda o dia de amanhã!

Avante!

Hymno do externato Lauro Sodré

SOB o céo da Amazonia formosa,
d'este sol fecundante ao calor,
entre a seiva de vida assombrosa
que poreja do ardente Equador,

peregrinos do estudo avançamos,
tendo o livro por guia e bordão:
a grandeza da Patria aspiramos,
nosso norte é da Gloria o clarão.

Essa gloria das lettras, tão pura,
que não tinge do sangue o rubor,
seja a nossa suprema ventura,
seja o nosso castissimo amor!

Mas, se um dia a Mãe Patria, ultrajada,
um gemido de angustia soltar
e da penna forjarmos a espada,
hão de raios da espada brotar!

E ha de então aprender o estrangeiro,
por mais forte que seja, e feroz,
que no fertil torrão brazileiro,
IRMÃOS todos, SENHORES só nós!

Mas, passada a tormenta que aterra,
castigado o protervo invasor,
convertamos os raios da guerra
em santelmos de paz e de amor.

Temos sangue da America, ardente
nas arterias pulsando a ferver...
Mocidade! Ao futuro esplendente
Com que Deus bafejou-te o nascer!

O dia das férias

(Cantado por uma menina)

QUE dia tão grande é hoje!
Oh! que alegria que eu sinto!
Se eu disser que estou contente,
não minto!

Passa a gente todo o anno
a estudar com ancias taes,
que nas férias o cançaço
já é de mais.

A falar verdade pura,
por esse trabalho louco
receber um premiosinho,
é bem pouco!

Por mim, o que mais desejo
por paga de tanto affan,
é vêr as mestras contentes
e a mamã.

E saber que o Pae do céo
me abençôa porque estudo,
isso é mais que recompensa,
isso é tudo.

Mas se eu digo que n'esta hora
em que tanto prazer sinto,
tambem tenho uma tristeza,
não minto!

E é porque no mesmo instante
que realisa os votos meus,
tambem ás mestras queridas
digo adeus!

Notas ás Noites em Claro

[1] **Pagina 125.**

Quando foi escripta esta poesia, seu autor esqueceu-se de uma circumstancia importantissima: esqueceu-se de que estava no Brazil. Perdôem-lhe, pois, aquelle enthusiasmo e aquelle arrojo de esperanças.

Julio Cezar morreu triste empregado subalterno de uma repartição d'esta provincia. Acabou seus dias na obscuridade, na penuria, ralado dos mais acerbos desgostos

Não importa. O humilde autor d'este livro está hoje tão convicto como esteve hontem da realidade do invento de Julio Cezar, cuja memoria honrará sempre como a de um dos maiores homens do seu seculo.

Não foi aqui, será na França; não foi elle, serão os plagiadores. Quando amanhã um copiador feliz realisar a conquista definitiva do espaço, no meio da multidão inconsciente que gritar — *Viva Rénard!* — ou — *Viva Krebs!* —, quem escreve estas linhas terá a satisfação e o orgulho de gritar: *Salve, Julio Cezar!*

[2] **Pagina 153.**

A cidade toda era bulicio e jubilo. No escriptorio do *Diario de Belem* Antonio Rodrigues do Couto, Bertino de Miranda Lima e eu, conversavamos.

— Tanto dinheiro gasto inutilmente em foguetorio e bandeirolas!...

— E musicatas! E tudo para festejar a *Liberdade* na mesma hora em que muitos brazileiros *escravos* são retalhados a vergalho pelo braço do *senhor!* Bonita liberdade, não ha que vêr!

— Um opprobrio!

— Uma vergonha!

— Uma infamia!

— Se nós dissessemos isto mesmo amanhã...

— Exgotava-se a edição.

— Sim, mas punham-nos na rua da amargura!

— Eram capazes de apedrejar-nos!

— Não importa. Se você publica eu escrevo.

— E eu tambem.

— Pois eu publico. Toca a escrever, que já é tarde.

Pouco depois o Bertino entregava ao Couto um folhetim, e eu a poesia que serve de objecto a esta nota. O que previamos aconteceu: o golpe ferio fundo; o nervo da susceptibilidade patriotica vibrou como uma corda de guitarra. Uns recriminaram-nos, outros descompuzeram-nos; os nossos melhores amigos mostraram-se descontentes. Nós eramos injustos, desmancha-prazeres, sem patriotismo, queriamos só fazer barulho, nos tornar salientes etc., etc.

De tudo isto nos demos por muito bem indemnisados: dias depois uma sociedade abolicionista, que estava morta havia annos, resuscitou, creou-se outra nova, o movimento emancipador começou. Couto, Bertino e eu quasi choravamos de alegria!

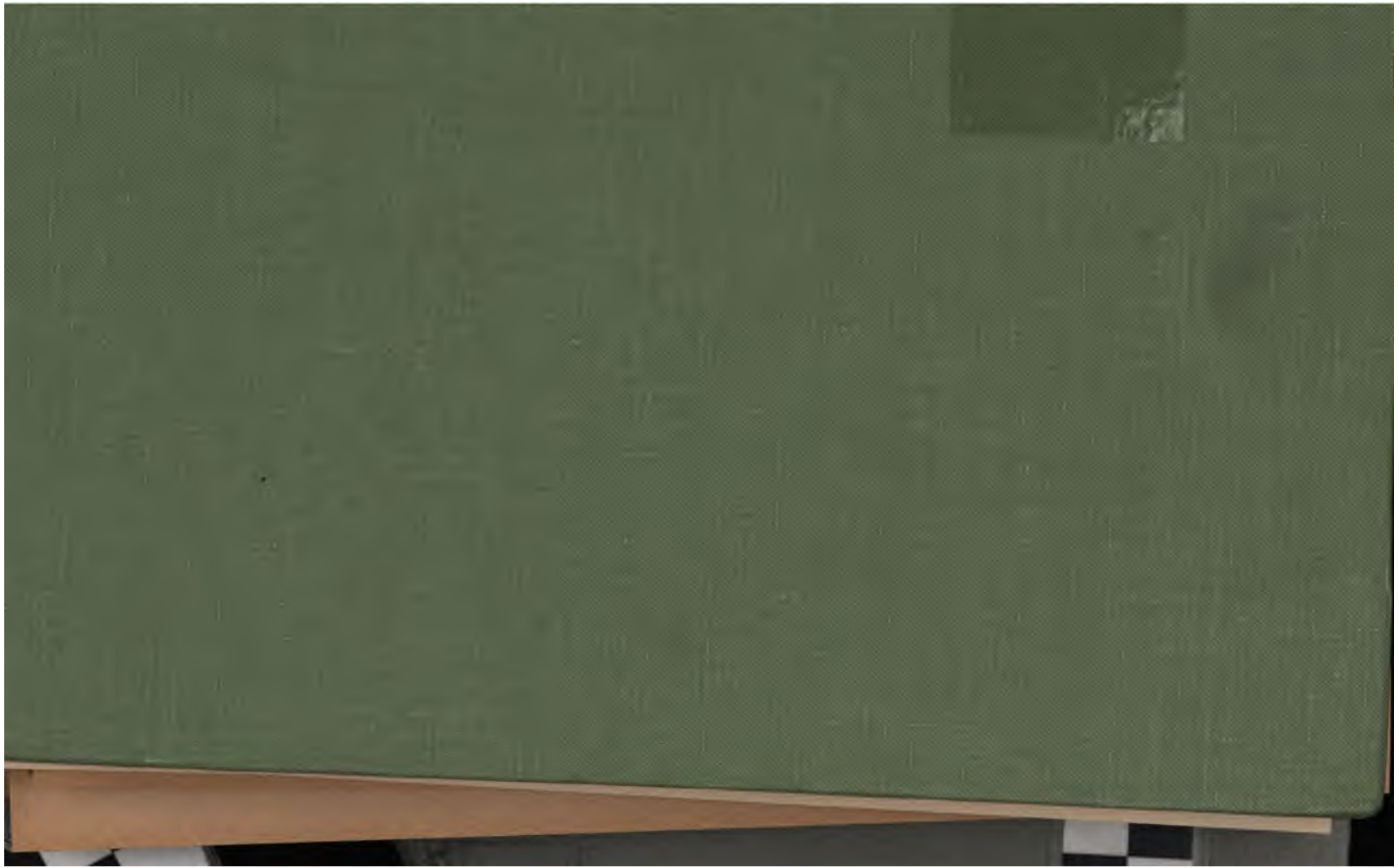
Por isso esta poesia que foi feita no espaço de pouco mais de uma hora é uma das que mais estimo da minha collecção, comquanto seja ao mesmo tempo uma das mais imperfeitas.

Indice

Dedicatoria.....
Sobre a presente edição..... IX
Apreciações e noticias..... XI
Rio Negro..... 3
A abertura do Amazonas..... 7
Divida paga!..... 13
Cæsaris Cæsari..... 15
O encontro..... 17
Vergissmeinnicht!..... 19
A carta e a flôr..... 21
Os grandes ambiciosos..... 23
A' ilha de Cuba..... 27
Portugal e o Gama..... 29
A catastrophe..... 31
Autor e actor..... 35
Pelos orphãosinhos..... 37
Ao Rio Grande do Sul..... 39
Adeus!..... 41
A Herminia..... 43
O Dr. Pedro Paulo..... 45
Enterro e noivado..... 47
A partida de Colombo..... 49

Garridice feminil 55
Amor e Arithmetica 57
Os extremos tocam-se 59
Cousas ephemeras 61
A um lutador 63
A Henrique Bernardi 65
O poeta e o mar 67
Esperança morta 69
Delirio 71
A melhor esmola (poemeto) 75
A primeira folha 87
Ao anoitecer 95
Musa nocturna 97
Sonho 99
Ultimos momentos de D. Quixote 101
Contradições 103
O 15 de Agosto 105
Adeus á Amazonia 109
A avalanche 111
O mergulhador e a perola 113
Ao visconde do Rio Branco 117
Os heróes de 1823 119
A uma cantora 121
A viuva 123
Avante! 125
Romeiro do ideal 129
As duas lagrimas 131
A ultima dôr 133
Os sonhos 135
O incendio 139
Elegia 143
Evangelina 147
Chaîne brisée 149
A uma menina 151
Liberdade? 153
Vox populi 159
Lagrima de mulher 163
A Alice 165
Nobre orgulho 167
Licção materna 169

Lagrima de rosa 171
Ao cantor Arnaldo Ravagli 175
Crepusculo 177
Zumbi 179
Mal de muitas 181
Ás irmãs Sinay 183
Lembrança e lembrança 187
A Carlos Gomes 189
Martyr obscura 193
No anniversario da sagração 195
O baile 201
A cantora Goré 203
Lenda antiga 205
Desejo impossivel 207
Serpe e flôr 209
O condemnado 211
No templo 213
A dúvida 215
No anniversario natalicio 217
Pará e Brazil 219
Si eu podêsse! 221
Um perdão generoso 223
Mudança de lettra 225
Direito contra direito 227
A uma cantora 229
A passagem de Venus 231
A Santa Helena Magno 233
Si eu soubesse escrever! 235
O Supremo Artista! 239
Quatorze annos 241
Amor amore 245
Á Patria! 247
Resurreição 249
Celeste Esperança 251
O que te devo 255
Sem vêr-te! 257
Eterno sonho 259
A caminho! 261
Sursum corda! 263
Hymno da sociedade Santa Cecilia 267

Hymno do estudo 269
Hymno do Club Patroni 271
Cantico escolar 273
Avante! (hymno do externato Lauro Sodré) 275
Férias (canto infantil) 277
Notas 279

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 03059 6715